

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA



INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA

Fernanda Adamski da Silva

Orientador: Dr. Benedito Rodrigues dos Santos

Dissertação de Mestrado

Mestrado Profissionalizante em Gestão do Patrimônio Cultural

Área de Concentração: Antropologia

GOIÂNIA
2004

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA



INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA

**“JÁ FAZ PARTE DA ALMA DAS CRIANÇAS” - AS
CAVALHADINHAS DE PIRENÓPOLIS: INVENTANDO UMA
TRADIÇÃO**

Fernanda Adamski da Silva

Orientador: Dr. Benedito Rodrigues dos Santos

Dissertação de Mestrado

Mestrado Profissionalizante em Gestão do Patrimônio Cultural

Área de Concentração: Antropologia

GOIÂNIA
2004

FOLHA DE APROVAÇÃO**Fernanda Adamski da Silva****“JÁ FAZ PARTE DA ALMA DAS CRIANÇAS” - AS CAVALHADINHAS DE
PIRENÓPOLIS: INVENTANDO UMA TRADIÇÃO****EXAMINADORES**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues dos Santos
(Orientador)

Prof. Dr. Manuel Ferreira Lima Filho

Profa. Dra. Albertina Vicentini Assumpção Rodrigues

Goiânia

2004

Dedicatória

Este trabalho é dedicado ao Sr. João Luiz Pompeu de Pina, às crianças e a todos aqueles que preservam a tradição das Cavalhadinhas.

Agradecimentos

Este trabalho se beneficiou das contribuições de muitas pessoas a quem rendo os meus sinceros agradecimentos:

Ao Prof. Dr. Benedito Rodrigues dos Santos que, com paciência e sabedoria, orientou-me nesta dissertação de mestrado. Por estimular-me a continuar com este tema sobre as crianças e o folclore. Além de ser meu professor, a sua amizade foi fundamental.

Aos meus pais e a minha irmã, que foram fundamentais no apoio desta dissertação, por terem-me acompanhado em todas as angústias e descobrindo comigo a preservação da tradição das Cavalhadinhas de Pirenópolis. Eles foram meu alicerce para terminar esta pesquisa.

À Secretária Regional do Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) da cidade de Pirenópolis, pelo apoio em documentos relacionados à festa das Cavalhadinhas.

À Sra. Maria Eunice Pereira e Pina, que num ato de imensa generosidade mediou os meus encontros com seu filho João Luiz Pompeu de Pina, para a realização das entrevistas e me presenteou um exemplar de seu livro de poemas. Sua poesia me ensinou sobre a cultura do povo pirenopolino.

Ao Professor João Luiz Pompeu de Pina, em especial por ser o “baluarte das Cavalhadas”, que traz consigo o ideal de preservar a cultura e se conscientizando sempre que a partir das crianças é possível que a tradição continue. Por ter me ajudado, em informações relevantes para esta pesquisa, e pela dádiva recebida por mim com os selos dos correios referente as Cavalhadinhas.

Aos meus informantes, pelo que consegui aprender sobre as Cavalhadinhas e que sem eles seria impossível a realização desta pesquisa: Pompeu Cristóvão de Pina, Itamar Gonçalves, Suelene Aquino Gonçalves, Dito Jacy, Nilson Jacy da Luz, Juninho, Sequinho, e tantos outros que foram importantes durante a pesquisa.

Às crianças de Pirenópolis, por manterem viva a tradição das Cavalhadinhas.

Agradeço profundamente a todos, que contribuíram para o resultado final desta pesquisa.

“Costuma-se dizer que a árvore impede a visão da floresta, mas o tempo maravilhoso da pesquisa é sempre aquele em que o historiador mal começa a imaginar a visão de conjunto, enquanto a bruma que encobre os horizontes longínquos ainda não se dissipou totalmente, enquanto ele ainda não tomou muita distância do detalhe dos documentos brutos, e estes ainda conservam todo o seu frescor. Seu maior mérito talvez seja menos defender uma tese do que comunicar aos leitores a alegria de sua descoberta torná-los sensível – como ele próprio o foi – às cores e aos odores das coisas desconhecidas”
(Philippe Ariès).

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	10
RESUMO	13
ABSTRACT	14
INTRODUÇÃO	15
As Motivações deste Estudo	16
Objetivos e Argumentos deste Estudo	19
Metodologia	21
Organização dos Capítulos	23
CAPÍTULO I – A Festa das Cavalhadinhas	25
A Procissão da Bandeira e a Farofadinha	26
A Alvorada e a Procissão de Nossa Senhora do Rosário	29
Os Discursos do Desafio: Embaixada dos Mouros	34
Embaixada dos Cristãos	36
O Arrazoadado dos Dois Reis	37
Embaixada de Trégua	42
Segundo Dia	42
Terceiro Dia	46
O Recomeço	53
CAPÍTULO II – As Cavalhadinhas como Tradição Inventada	56
Contexto Histórico das Cavalhadas no Brasil	57
Cavalhadas de Pirinópolis e seu Ambiente Histórico	61
Contexto Histórico das Cavalhadinhas	65
A Festa é na Vila	70
A Invenção da Tradição nas Cavalhadinhas	72

As Transformações das Indumentárias dos Cavaleirinhos	76
Mascaradinhos Industrializados?	82
CAPÍTULO III – Uma Perspectiva Comparativa entre as Cavalhadas e as Cavalhadinhas	
Cavalhadinhas	85
As Cavalhadinhas Performam os mesmos Rituais das Cavalhadas?	86
Relações Etárias e de Gênero: Os Meninos, As Meninas	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
Por que Registrar as Cavalhadinhas como Patrimônio?	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
Relatos Orais – Entrevistas	106
Fontes e Documentos	106
Filmes e Vídeos	106
Sites Pesquisados	107
ANEXO	108

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – **Crianças brincando de Cavalhadinha**. Foto: Fernanda Adamski da Silva. Pirenópolis, 2004.

Figura 2 – **Crianças dançando Catira na farofadinha**. Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1990.

Figura 3 – **Orquestra de Violeiros na farofadinha**. Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1990.

Figura 4 – **Farofadinha das crianças (alimentação)**. Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1990.

Figura 5 – **Início da entrada do imperador com a Bandeira do Divino no Larginho do Rosário da Vila Matutina (1º dia)**. Acervo particular de João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.

Figura 6 – **Oração com o Imperador e a “esposa” na Gruta de Nossa Senhora de Fátima**. Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1998.

Figura 7 – **Pastorinhas na Festa das Cavalhadinhas**. Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1990.

Figura 8 – **Mascaradinhos no Larginho do Rosário, Vila Matutina**. Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1998.

Figura 9 – **Cavaleiros Mouros estão encastelados em linha, a partir do rei no extremo oposto ao seu flanco**. Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1989.

Figura 10 – **Cavaleiros Cristãos estão encastelados em linha, a partir do rei no extremo oposto ao seu flanco.** Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1989.

Figura 11 – **Cavaleiros cristãos com lanças.** Pirenópolis, 2003.

<http://www.atu.com.br/secoes/pirenopolis/ondeir/home01.asp?IDEstabelecimento=127>

Figura 12 – **Cavaleiros cristãos e mouros com pistolas de festim.** Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.

Figura 13 – **Batismo dos Mouros.** Pirenópolis, 2003.

Figura 14 – **Procissão das Virgens.** Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1998.

Figura 15 – **Corrida das Cabecinhas na Festa das Cavalhadinhas. Mouro acertando a cabeça de papelão.** Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1997.

Figura 16 – **Cavaleiro Cristão acertando a argolinha, na sua esquerda João Luiz Pompeu de Pina coordenador das Cavalhadinhas.** Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.

Figura 17 – **Cavaleiro Cristão recebendo a prenda por ter conseguido acertar no jogo da argolinha.** Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.

Figura 18 – **Mascaradinho revelando sua identidade.** Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.

Figura 19 – **Meninos ensaiando as coreografias das carreiras para as Cavalhadinhas.** Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.

Figura 20 – **João Luiz orientando os Cavaleiros Cristãos durante as Cavalhadinhas.**

Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1998.

Figura 21 – **Os trajes dos Cavaleirinhos nas Cavalhadinhas.** Acervo João Luiz

Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1989.

Figura 22 – **Diversidade de materiais nas roupas dos Cavaleirinhos nas Cavalhadinhas.** Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.

Figura 23 – **Roupas dos cavaleirinhos cristãos.** Autor: Fernanda Adamski da Silva. Pirenópolis, 2004.

Figura 24 – **Detalhes do cavalinho de pau do Rei Mouro.** Autor: Fernanda Adamski da Silva. Pirenópolis, 2004.

Figura 25 – **Interferência de máscaras carnavalescas nos mascarados participantes das Cavalhadinhas.** Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.

Figura 26 – **Selos comemorativos das Cavalhadinhas de Pirenópolis.** 2002.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar as Cavalhadinhas das crianças de Pirenópolis. A sociabilidade durante as festas religiosas é um meio de manter viva as relações sociais e ainda um mecanismo de aprendizado para as crianças. No caso aqui estudado, contribui para ensinar e educar sobre a importância de preservar a tradição tão rica desta cidade, que são as Cavalhadas, mantendo forte os valores da identidade e da memória, no qual faz parte do patrimônio cultural brasileiro. Observam-se três categorias da história das Cavalhadinhas, em que desde os tempos mais antigos fazia parte da vida cotidiana das crianças, de uma maneira informal; a segunda, de uma forma mais estruturada, sendo organizada por João Luiz Pompeu de Pina e a terceira, quando se transforma em um evento oficial para o turismo. As Cavalhadinhas se particularizam por terem as próprias crianças a iniciativa da festa acontecer, valorizando-as e dando credibilidade por esta “tradição inventada”, que mantém vivo o folclore brasileiro.

Palavras-chave: patrimônio, tradição, criança, memória.

ABSTRACT

This work has the objective to study the children's Cavahadinhas of Pirenópolis – GO. The sociability during the religious party is a way to still keep alive the social relations and a mechanism of learning for the children, that in the case studied here contributes to teach and to educate on the importance to preserve the so rich tradition of this city that they are the Cavahadas, keeping strong the values of identity and the memory, in which this is part of the Brazilian cultural patrimony. We can observe three categories of the Cavahadinhas's history, where since the oldest times this was part of the daily life of the children, in an informal way: second of one it forms more structuralized being organized for João Luiz Pompeu de Pina and third when it changed itself into an official event for the tourism. The Cavahadinhas distinguishes for having the proper children the initiative of the party to happen, valuing and giving to credibility for this tradition invented that keeps living creature the Brazilian folklore.

Key-word: patrimony, tradition, children, memory

INTRODUÇÃO

As Cavalhadinhas são realizadas em três dias, sob intensa queima de fogos de artifícios. Os cavaleirinhos vão correndo com seus cavalinhos de paus, no campo da Vila Matutina. Os cristãos, em trajes na cor azul e os mouros, na cor vermelha, iniciam as coreografias das Cavalhadinhas. Nos intervalos, os mascaradinhos permanecem encenando, como uma forma de conquista. Depois de muito solicitado, eles saem para a entrada novamente dos cavaleirinhos. Os cristãos e mouros, com suas espadas e armas, lutam por dois dias. Depois de muita batalha, os mouros se rendem e se convertem ao cristianismo. No terceiro dia, com a realização dos jogos, os cavaleiros que conseguirem acertar o maior número de cabecinhas e argolinhas serão os vencedores. Essa é a encenação da festa das Cavalhadinhas de Pirenópolis, a qual se dedica esta dissertação.

As Cavalhadinhas são a encenação infantil das Cavalhadas e eram primeiramente realizadas pelas crianças, em diversos bairros da cidade de Pirinópolis. Em 1960, as Cavalhadinhas foram encenadas no Largo do Asilo, no feriado de Corpus Christi, e assim passaram a ser encenadas todos os anos, depois de dez dias das Cavalhadas. João Luiz Pompeu de Pina passou a ensinar as crianças, como fazia na sua juventude. Em 1989, toda a população estava envolvida e tornando-se um evento turístico no calendário da cidade.

A festa das Cavalhadinhas acontece em 2004, no período de 11 a 13 de junho, e com isso comecei a pesquisa antes dos festejos, no mês de fevereiro. O mais importante disso tudo é que a vida cotidiana das crianças continua. As brincadeiras já são, como Pompeu Cristóvão de Pina falou: os heróis populares da festa do Divino do Espírito Santo. Percebe-se que a tradição da cidade de Pirenópolis não está só presente nos dias da grande festa das Cavalhadas ou até mesmo das Cavalhadinhas, mas diariamente na vida das crianças em todos os bairros.

As Motivações deste Estudo

Antes de iniciar o estudo das Cavalhadinhas, pretendo explorar os motivos que me levaram à escolha do tema. Durante o período em que cursei o Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural, na disciplina *Urbanismo e Gestão do Patrimônio Cultural* lecionada pelo Professor Dr. Benedito Rodrigues dos Santos, orientador desta pesquisa, fui encarregada juntamente com a aluna Flaviana de convidar pessoas representativas que preservam o Patrimônio. De comum acordo, escolhemos como nosso palestrante o Sr. Pompeu Cristóvão de Pina, advogado e presidente da *Associação de Moradores de Pirenópolis*. Em sua apresentação ele mencionou que as crianças de sua cidade, em vez de brincarem como os heróis norte-americanos, por exemplo “*He-man*”, brincam de mascarados, ou seja, os heróis das crianças que fazem parte da festa do Divino Espírito Santo.

Ao perceber isso, me propus trabalhar este tema de dissertação de mestrado, pois a criança continua a manter viva a tradição da cidade de Pirenópolis, se conscientizando e aprendendo a preservar um patrimônio imaterial, mesmo que inconscientemente.

Ao fazer o levantamento de dados na pesquisa de campo, percebi que há dois meios para se estudar este tema, primeiramente na memória de algumas pessoas, como

os mais antigos relatam que já brincavam de cavalhadinhas quando eram crianças, e agora as próprias crianças de hoje, que estão participando e vivenciando esta experiência tão rica da cidade de Pirenópolis, que incorpora e faz parte da festa do Divino Espírito Santo, e da afirmação de identidade destes moradores.

Minha pesquisa de campo foi iniciada em março de 2004, na cidade de Pirenópolis. Tendo sido efetuadas já algumas entrevistas, faltava o ícone principal da pesquisa, encontrar o professor de educação física Sr. João Luiz Pompeu de Pina, que é um dos organizadores da festa das crianças, como evento.

O dia 02 de março, foi importante para uma iniciante em pesquisa etnográfica. No dia anterior fui ao bairro da Vila Matutina e não consegui encontrar o Sr. João Luiz, ficando um pouco angustiada. Mas o que fazer se não tinha nada programado para aquele dia? Não tinha conseguido agendar entrevistas com os moradores. Por um instante fiquei indecisa em não conseguir fontes para pesquisa ¹. Durante o café da manhã, senti que os dados empíricos, entrevistas e outros mais, não chegam por acaso em nossas mãos. É necessário ir ao local aonde acontece o tema da pesquisa, perguntar e investigar os moradores do bairro. E foi isto que fiz.

Peguei meus materiais de “primeiras necessidades”, que, aliás, todo pesquisador tem que ter antes de sair para qualquer pesquisa de campo: um gravador com pilhas novas, três fitas K-7 e uma máquina fotográfica. O sentimento de uma etnógrafa me incorporou, mas de uma forma bem humilde, pois esta foi a primeira pesquisa que realizava de forma e contexto antropológico.

1 – Em seu livro *A Interpretação das Culturas*, Clifford Geertz conta das dificuldades encontradas por um antropólogo em sua pesquisa etnográfica, como no exemplo sobre a Briga de Galos Balinesa. Durante a pesquisa de campo “*minha mulher e eu chegamos a uma aldeia balinesa (...). Enquanto caminhávamos sem destino, incertetos, ansiosos, dispostos a agradar, as pessoas pareciam olhar através de nós, focalizando o olhar a alguma distância, sobre uma pedra ou uma arvoré, mais reais do que nós* (GEERTZ, 278). Eles só passaram a serem vistos como pessoas para os balineses, quando eles tiveram que correr junto com a comunidade em uma das blitz de policiais, a respeito da briga de Galos. Assim, *Em Bali, ser caçado é ser aceito. Foi justamente o ponto da reviravolta no que concerne ao nosso relacionamento com a comunidade, e havíamos sido literalmente “aceitos” Toda a aldeia se abriu para nós, provavelmente mais do que o faria em qualquer outra ocasião (...)* (GEERTZ, 282).

Saí da pousada com destino à Vila Matutina, aonde acontecem as Cavalhadinhas, com a certeza de nada conseguir e de não encontrar o Sr. João Luiz. As vezes, pode-se estar enganado. Já era de meu conhecimento, por uma palestra do Sr. Pompeu de Pina, que é comum as crianças de Pirenópolis brincarem de Cavalhadinhas no dia-a-dia. Quando pensaria que uma criança, nos dias de hoje, brincasse de cavalinho de pau, se os brinquedos eletrônicos são os grandes desejos de qualquer uma?

Surpresas ocorrem. Nunca se pode duvidar dos mais velhos e principalmente não deixar de acreditar no que eles dizem. Uma sabedoria verdadeira e única, existe nestas pessoas. Deve-se sempre, quando em pesquisa de campo, levar em consideração todas as informações, por menores que sejam, que nos são repassadas pelos moradores pois estas nos ajudarão a compreender o fato social, como no caso estudado na cidade de Pirenópolis.

Por volta das 09 horas, fui à Vila sem ter noção do que fazer. Caminhando por ruas estreitas, sem prestar muita atenção no que via, de repente algo me espantou. Três meninos, de faixa etária de 02 a 04 anos, mais ou menos, brincavam de Cavalhadinha. Dois deles, estavam cada um com um cabo de vassoura tendo em uma das extremidades um saco vazio de salgados, fingindo ser a cabeça de um cavalinho de pau.

É aí que entram os objetos de “primeiras necessidades”, que um antropólogo deve ter em mãos. Será que estava eu enganada pela própria realidade que via? Estava me equivocando? Devia tirar a foto ou não? O que fazer?

Por sorte, havia um senhor na porta de uma casa e nas proximidades onde as crianças estavam brincando. Perguntei à aquele senhor, a fim de saber se era mesmo realidade o que estava vendo: *Bom dia, posso lhe fazer uma pergunta? As crianças estão mesmo brincando de Cavalhadinha?* E a resposta foi o que pensava: *Sim, eles estão mesmo brincando de Cavalhadinha.* Assim, perguntei se podia tirar uma foto

deles. Aquele senhor disse que sim e imediatamente se dirigiu aos meninos, tendo os arrumado para que eu pudesse tirar uma boa fotografia (figura 1).

Esta foi à confirmação de que o meu projeto era viável. Isto me levou a continuar os estudos sobre as Cavalhadinhas, e ter a noção que cada dia de pesquisa de campo, é um novo aprendizado e uma nova experiência. Foi através desta experiência, que me apaixonei pelo trabalho etnográfico e pela festa das crianças.



Figura 1 – **Crianças brincando de Cavalhadinha.** Foto: Fernanda Adamski da Silva. Pirenópolis, 2004.

Objetivos e Argumentos deste Estudo

Esta pesquisa visa documentar etnograficamente as Cavalhadinhas de Pirenópolis, na expectativa de que este estudo contribua para o processo de reconhecimento desta festa, como um valioso patrimônio cultural, que merece o registro

pelos órgãos competentes, através do decreto nº 3.551, que foi instituído em 04 de agosto de 2000 na identificação e reconhecimento de bens culturais de natureza imaterial.

A constante referência dos moradores de Pirenópolis às Cavalhadinhas, como uma “tradição” contribuiu para que eu constituísse uma visão das Cavalhadinhas como uma tradição em processo de invenção.

Os conceitos de Memória, Tradição, Identidade e Patrimônio Cultural, que através destes mostrarei a contribuição da criança na perpetuação da tradição e da preservação do patrimônio imaterial, são os enquadramentos teóricos desta pesquisa.

O historiador Eric Hobsbawm, em seu livro *A Invenção da Tradição*, pesquisou esta perspectiva. Para ele

o termo “tradição inventada” é muito utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. (...) Por “tradição reinventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM: 1997, 09).

Os moradores da cidade de Pirenópolis utilizam muito o termo da manutenção da tradição, e assim compreende-se que as Cavalhadinhas contém todos os argumentos de Eric Hobsbawm, de natureza ritual, com valores e normas de comportamento.

As crianças e adolescentes possuem valores e culturas próprios, que através da sociabilidade e dos ritos de passagem são os meios que eles têm para adquirirem amplos conhecimentos para a vida adulta. A brincadeira é um dos elementos mais importantes para o aprendizado da criança e do adolescente. Um dos fatores para a sociabilidade das populações são as festas, tanto as religiosas como outras. É através desta convivência social, que começou toda a sociedade a participar dos eventos festivos das Cavalhadinhas. A problematização desta pesquisa é saber se as Cavalhadinhas representam uma imitação ou uma recriação das Cavalhadas dos adultos.

Metodologia

Ao fazer a pesquisa de campo, deparei-me com dificuldades para conseguir os dados empíricos, pelos próprios moradores, que partiram do pressuposto de que a pesquisadora usufruiria benefícios financeiros de sua sabedoria popular.

Desta maneira, foi necessário conquistar as pessoas e mostrar que a pesquisa valorizaria a cultura e a tradição de Pirenópolis. Os meus depoentes, ao concordarem para serem entrevistados, alguns se sentiram angustiados e sem vontade de falar dos aspectos culturais da cidade. Foi necessária muita dedicação para conseguir os dados empíricos e ainda, de uma forma muito restrita. Ao perguntar às mães dos filhos, que participam das Cavalhadinhas, se eu poderia conversar com elas sobre o tema, a resposta muitas vezes sempre foi: “procura o João Luiz”.

Teve momentos em que pensei que não iria conseguir fazer esta dissertação. O principal, que é o Sr. João Luiz Pompeu de Pina, ofereceu muitas resistências iniciais à conceder entrevistas para esta pesquisa. Consegui entrevistá-lo, depois de algumas tentativas, mas conduzida à sua maneira. No final, percebendo a importância de

registrar a festa das Cavalhadinhas, e o valor cultural que esta tem para a cidade, e de sua contribuição de ser mencionado nesta pesquisa, ele me contou a seguinte estória:

“E lá a intenção é essa, só de viver bem, de ter uma comunidade como sempre eu sonhei numa cidade linda, alegre, feliz e florida, se possível, e um pouco interagida né. (...) eu lia um gibi que tinha Miudinho, você já leu? A cidade dele chamava Minosópolis. Era o prefeito, o sapateiro, todo mundo correndo porque aí o Miudinho que vem, que era o gigante né que tremia e assustava, mas era amigo” (PINA, 2004: 21).

Fazendo uma análise da citação acima, observei que ao contar a estória do “Miudinho”, o Sr. João Luiz Pompeu de Pina faz um auto-retrato de sua pessoa, como um articulador da festa das Cavalhadinhas em Pirenópolis.

Através desta pesquisa, percebi que o antropólogo ou até mesmo o historiador, precisa estar junto de seus informantes, perder o medo, perguntar, ser gentil e mais ainda, ir ao local de seus estudos algumas vezes ao dia. Assim, poderá se deparar com surpresas, que irão contribuir para o sucesso da pesquisa.

Durante a pesquisa desta dissertação, os recursos utilizados para a metodologia foram: revisão bibliográfica, entrevista com pessoas que participam ativamente da festa das Cavalhadinhas, pesquisa de campo e análise da festa através de recursos audiovisuais e iconográficos.

O testemunho oral foi um dos principais documentos empíricos para a estruturação desta dissertação e de resgatar o passado, como foi a manutenção desta tradição, para a preservação do patrimônio.

Assim, ao fazer o levantamento de dados na pesquisa de campo, consegui a indicação de uma pessoa que seria decisiva para a realização deste trabalho, que é o Sr. João Luiz Pompeu de Pina, o “*baluarte da Cavallhada*” (PINA, Pompeu: 2004). Este

ajudou a ensinar as crianças nas Cavalhadinhas, com suas coreografias. O Secretário de Cultura de Pirenópolis, Sr. Itamar Gonçalves, sua esposa Suelene, a comunidade e outros contribuíram para esta pesquisa.

Por solicitações diretas das crianças da Vila Matutina, em 1989, Itamar e sua esposa foram as pessoas que mais se destacaram para que a festa das Cavalhadinhas se tornasse um evento oficial do município de Pirenópolis.

De acordo com os dados obtidos, percebi que ao estudar as Cavalhadinhas estarei resgatando não só um estudo deste acontecimento com as crianças, mas também a memória de todos aqueles que brincaram de Cavalhadinhas e participaram das Cavalhadas.

Organização dos Capítulos

Esta dissertação é dividida em três capítulos. No primeiro capítulo faço uma descrição da festa das Cavalhadinhas. Para descrevê-la, além de material etnográfico, utilizei recursos audiovisuais como fotografias do acervo particular do Sr. João Luiz Pompeu de Pina e vídeos-documentários de *Expedições*, de Paula Saudanha e Cavalhadinhas, de Nilson Jacy da Luz. Foi de grande valia os livros de Carlos Rodrigues Brandão, como *Cavalhadas de Pirenópolis* e *O Divino, O Santo e A Senhora*.

No segundo capítulo, fiz um primeiro registro da história das Cavalhadinhas: quando, onde e por que começou? O resgate histórico da festa das Cavalhadas dos adultos e sua inserção no folclore brasileiro, sendo importante para entender esta noção no que permeia o repasse da tradição para as crianças. Foram verificadas as mudanças que estão ocorrendo nas encenações das festas, apesar dos poucos anos como evento turístico.

O terceiro capítulo é dedicado às inter-relações entre as Cavalhadas e as Cavalhadinhas, demonstrando sua preparação e a relação de gênero que se apresenta no tema estudado, e quais as diferenças existentes entre elas.

Desta forma, a pesquisa de campo se ateve basicamente em estudar as crianças no seu dia-a-dia. Fui “convidada” a participar dos ensaios preparativos da festa das Cavalhadinhas e da própria apresentação, neste ano. O período de campo não teve um espaço contínuo de tempo, mas com dias alternados.

Ao estudar as Cavalhadinhas de Pirenópolis, percebi como é esta dinâmica da afirmação de identidade e da tradição, contribuindo para que as crianças participem da vida social da cidade. Sendo assim, este projeto abrange fontes de importância para subsidiar discussões, questionamentos e esclarecimentos com o decorrer da pesquisa. A maior relevância desta dissertação é que não existem estudos sobre as Cavalhadinhas, e este é o grande mérito desta pesquisa, pois mostra a contribuição das crianças em preservar um patrimônio que é de todos. Além de estar documentando e registrando o momento em que estão sendo inventadas como tradição, na perspectiva futura do seu reconhecimento, como patrimônio imaterial.



Mascaradinho. Pirenópolis, 2003

CAPÍTULO I – A Festa das Cavalhadinhas

A Procissão da Bandeira e a Farofadinha

A festa das Cavalhadinhas começa com a procissão da bandeira e é realizada no dia de Corpus Christi. Às 19 horas, a procissão sai da casa do Mordomo da Bandeira, para a Gruta de Nossa Senhora de Fátima, é

“a primeira grande procissão da festa: a Procissão da Bandeira. Ela é a única que não tem como origem ou destino final a casa do Imperador do Divino.

*O cortejo é acompanhado pela banda de música, que durante todo o trajeto executa um dobrado marcial. Moças vestidas de vermelho e branco conduzem a Bandeira do Divino, o objeto simbólico de maior importância na procissão. A bandeira geralmente é feita pelo Mordomo da Bandeira ou no caso de uma bandeira antiga, reformada sob sua supervisão. Ela permanece em sua casa até o sábado (**sexta-feira/ das crianças – grifo meu**) (...) é solenemente hasteada em seu mastro. Tal como a bandeira, o mastro é colorido de vermelho e branco, as cores do Espírito Santo. O mordomo do mastro, encarregado, por sorteio, de fazê-lo (...), levanta o mastro, auxiliado pelos demais mordomos, logo depois da missa de sábado (**orações de sexta-feira – grifo meu**). Acende-se também a fogueira. Durante o hasteamento os três mordomos (do mastro, da bandeira e da fogueira) organizam uma queima de fogos. É costume que Imperador “responda” com outra queima”. (AMARAL, 1998:92).*

Após a realização desta procissão, todos seguem para a casa do Imperador, onde é entregue a coroa e o cetro. Nesta ocasião, acontece a farofadinha. É um festejo realizado durante oito dias, que ocorre após aos ensaios das Cavalhadinhas, sendo que no dia de Corpus Christi sua realização é considerada oficial. As crianças dançam catira, cantam e rezam, além de fazer uma sociabilidade entre elas. É destinada à comunidade pirenopolina e não é freqüentada por turistas. Assim, o controle da tradição é mantido com territórios demarcados, que será aprofundado no segundo capítulo.

Na farofadinha há apresentação de catira, onde os adultos dançam juntos com as crianças, que ao som dos violeiros, dos cantos e palmas se produz todo um ritual. A catira ² é uma dança só para homens (meninos), porém há forte participação de mulheres (meninas). Executam-se músicas regionais que compõem a tradição, como o Hino do Divino, de autoria do Tônico do Padre. Depois de realizada a catira, é o momento da alimentação (figura 4), onde é servido galinhada, feijão tropeiro, salada de tomates e mandioca cozida. Todas as crianças utilizam seus talheres, copos e pratos que foram levados por cada uma delas. Após um determinado momento, os violeiros junto com outros músicos tocam músicas religiosas em agradecimento ao Imperador do Divino que realizou a festa e à todos os presentes pela participação. Vivas são dadas, então, por todos ao Divino Espírito Santo.



Figura 2 – Crianças dançando catira na Farofadinha. Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1990.

2 - A catira “é uma das danças ainda presentes em muitas festas em Goiás. No início era festa só de homens, muito parecida com o cateretê paulista. Ao som das violas, catireiros palmeavam e batiam o pé alternadamente, em evoluções variadas de entremeio ao canto da moda, dançando, logo a seguir, o recortado. Os sapateados retumbavam no chão entre o estalar das palmas. Cada um dos violeiros cantava e outros faziam a segunda voz. Quando acabava uma estrofe novamente se alternavam sapateados e palmas dando “vivas” aos violeiros. Pulavam, flexionavam as pernas, giravam e continuavam a dançar. Ainda hoje, a forma da catira é bem parecida com a citada” (DEUS, 2002: 70).



Figura 3 – **Orquestra de violeiros na Farofadinha**. Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1990.



Figura 4 – **Farofadinha das crianças (alimentação)**. Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1990.

A Alvorada e a Procissão de Nossa Senhora do Rosário

Durante os três dias em que são realizadas as Cavalhadinhas, às 05 horas da manhã é efetuada a alvorada, que sai da casa do Imperador, onde a Banda de Couro composta por meninos da comunidade de Pirenópolis, tocam em tambores músicas de origem negra. Com outros participantes, seguem em procissão pelas ruas da Vila Matutina acordando a comunidade para o grande evento, com músicas e fogos de artifícios.

Às 09 horas da manhã, do primeiro dia, é efetuada a procissão de Nossa Senhora do Rosário. Parte da casa do Imperador com destino a Gruta de Nossa Senhora de Fátima, com a participação da Banda de Couro, o Imperador e a Imperatriz da procissão e demais participantes. No trajeto faz uma parada na casa do Rei, onde este é integrado à procissão, de lá para a casa da Imperatriz da festa de São Benedito, que ocorrerá no dia seguinte. Esta outra Imperatriz é também integrada à procissão, que então segue para o seu destino. Por todos os presentes, então, são feitas as orações na Gruta de Nossa Senhora de Fátima. (01 Pai Nosso, 05 Aves Maria e 01 Glória ao Pai) (figura 5).

O retorno da procissão é efetuado deixando os personagens, em ordem hierárquica, em cada residência, onde como forma de agradecimento são servidos à todos os participantes, refrigerantes, salgados chamados de pão Pereira, doces cristalizados e balas de coco. O interessante é que somente a comunidade da Vila Matutina participa desta procissão.

A Encenação das Cavalhadinhas

A platéia fica acomodada nas arquibancadas e os familiares e convidados nos camarotes, que são reservados e foram construídos pelas famílias da cidade. Começa

então, o primeiro dia das Cavalhadinhas. Os “Mascaradinhos” ficam posicionados no campinho à espera do grande início.



Figura 5 – **Oração com o Imperador e a “esposa” na Gruta de Nossa Senhora de Fátima.** Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1998.

Enquanto isso não acontece, eles ficam correndo para todos os lados e fazendo bagunça. Na chegada das portas-bandeiras (figura 6), os mascaradinhos saem para a entrada das portas-bandeiras, do Imperador e da Rainha. Alguns grupos folclóricos apresentam-se, como a dança da catira, onde oito meninas participam ao som da banda de música. Logo a seguir, apresentam-se as pastorinhas, com idade de 02 a 10 anos, com indumentária nas cores vermelha e azul (figura 7). A dança das pastorinhas foi inserida na festa do Divino, mas normalmente em todo o Brasil é encenada durante o período natalino.



Figura 6 – Início da entrada do imperador com a **Bandeira do Divino no Larginho do Rosário da Vila Matutina (1º dia)**. Acervo particular de João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.



Figura 7 – **Pastorinhas na Festa das Cavalhadinhas**. Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1990.

Durante os dois intervalos das apresentações, os mascaradinhos entram com suas máscaras e roupas coloridas e alguns com seus cavalinhos de paus, originários de cabos de vassouras, representando cavalos. Como nas Cavalhadas dos adultos, existem os mascarados a cavalos e outros sem cavalos, da mesma forma aqui também se presenciam, com diferenças. Percebe-se o uso de vários tipos de máscaras, desde as mais tradicionais feitas de papel machê, como a do boi e do capeta, de pano e de borracha, sendo esta última, mais utilizada no carnaval.



Figura 8 – **Mascaradinhos no Larguinho do Rosário, Vila Matutina.** Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1998.

As Cavalhadinhas são uma festa igual a das Cavalhadas, e os cavaleiros se vestem como os adultos. Assim,

*“O espetáculo é deslumbrante...
Mas pode ser descrito em palavras singelas.
Os cavaleiros envergam vestes pomposas e multicoloridas...
Nos mouros prevalece o vermelho, o encarnado cor de sangue.
Nos cristãos, o azul.
Mas, em ambos, a profusão de enfeites e guizos.*

Nas capas, ricamente bordadas, os mouros mostram o símbolo de uma

Águia – e os cristãos, a cruz, símbolo da redenção...

Confeccionadas em cetim, veludo e outros tecidos finos, nota-se ainda grande riqueza de pedras, lantejoulas e vidrilhos.

Tudo bordado à mão, com muitas rendas, fitas, plumas e arminhos.

Fitas e mais fitas, fitas a granel...

Também os cavalos estão ricamente ajaezados, da cabeça aos cascos,

dos penachos majestosos aos pés pintados a purpurina“ (PINA, Maria. 1993: 101).

A entrada dos Cavaleiros é solene e exige preparação. Os que ocupam o campo de futebol redistribuem-se da seguinte forma: Vilão e Contradança retiram-se do campo e se transformam em platéia, o que acontece com as moças da ginástica e das bandeiras. A banda de música ocupa o palanque ao lado das autoridades onde ficará nas três tardes e desde onde desempenhará um papel essencial. Há um toque antigo e tradicional sob cujas notas entram pela esquerda, em fila e a galope, os Cavaleiros mouros. Eles dão a volta ao campo e vêm se colocar “em seu castelo”, uma das linhas de fundo do campo. Sob o comando de um toque diferente, mas com uma coreografia semelhante e entrada pela direita, os Cavaleiros cristãos assolam ao campo. (BRANDÃO, 1981: 86-87).

Após a entrada dos 16 cavaleiros e, todos eles alinhados de cada lado,

“a partir do rei e até aos “cerra-fila”, o cenário está pronto e é então iniciada a “Histórica Refrega entre Mouros e Cristãos”. Durante duas tardes as “tropas” de cristãos e mouros representarão, com seus desafios e carreiras, a memória de lutas travadas entre Carlos Magno e os Sarracenos, e que não de terminar, no final da segunda tarde, com a rendição, conversão e batismo dos mouros. Durante a última tarde o “rito” “transforma-se em jogo” e as equipes passam a viver uma competição real de final imprevisto e possibilidade de ganho para qualquer uma das equipes passam a viver uma competição real de final imprevisto e possibilidade de ganho para qualquer uma das equipes (BRANDÃO, 1981: 87).

Assim, como nas Cavalhadas, aqui há a encenação do espião e da sentinela. Em um canto do campo, bem próximo ao Castelo dos Cristãos,

“foi fincada uma árvore sob cuja sombra e acorocado, coberto com uma pele de animal, ficou um homem (menino) que representa o papel de espião mouro. Ele é conhecido por “onça”, parece representar este papel com os seus gestos. A Cavalhada (Cavalhadinha) começa quando um sentinela cristão representa vigiar o “seu campo” até quando dá de olhos com o espião e, montado, a galope, dirige-se para ele. Quando os dois se aproximam há tiros de parte a parte. O sentinela cristão retorna ao seu castelo e o espião mouro representa ter sido ferido e morre. É então retirado do campo sem pompa alguma e no momento seguinte os cavaleiros de ambos os lados saem e dão uma volta por seu campo (a metade do campo total, separada pela linha que simbolicamente divide os dois domínios e que se chama flanco). Esta primeira carreira é chamada reconhecimento de praça”. (BRANDÃO, 1981: 87).

Os Discursos do Desafio: Embaixada dos Mouros

A respeito dos discursos do desafio da embaixada dos mouros, dos cristãos e o arrazoado dos dois reis, aqui nas Cavalhadinhas, a encenação é mais simples e breve, de acordo com João Luiz Pompeu de Pina. Para o leitor entender a luta entre os mouros e cristãos, citarei a seguir todos os diálogos como uma forma de descrever:

*“O rei mouro chama o seu embaixador.
- Embaixador, à minha presença!
O embaixador se apresenta e diz:
- Poderoso Senhor, aqui estou!
Ordena-lhe o Rei:
- Vai às partes do Poente, onde se encontra acampado o exército cristão e diz ao Rei que deixe a lei de Cristo e abrace a de Mafoma: que se isto fizer terá paz, honras, e, sobretudo a minha amizade. Mas se este partido não quiser abraçar, verá a*

terra tremer, os clarins romperem os ares, o bronze gemer, o sangue correr aos mares e o meu Mafoma vencer.

Diz o embaixador:

- Senhor! Enquanto em meu peito houver alento, hei de, fiel cumprir o vosso régio intento.

Depois de certas exigências (quando dois cavaleiros mouros e dois cristãos parecem parlamentar junto ao flanco, até quando se dirigem para o Castelo cristão) apresenta-se o Embaixador Mouro no acampamento do Rei Cristão e diz, arrogante e irreverente:

- O monarca esclarecido, o poderoso Sultão que, qual raio ou qual trovão neste mundo é tão temido, te comete por partido, que deixes a lei de Cristo e que abrases a de Mafoma; que se fizerdes isto, terás paz, honras e sobretudo, a sua amizade em tudo o que tens visto, mas esse partido não quiserdes abraçar, verás, ó Rei atrevido, verás a terra tremer, os clarins romperem os ares, o bronze gemer, o sangue correr aos mares e o meu Mafoma vencer.

Responde-lhe o Rei Cristão:

- Atrevidas e arrogantes foram as palavras que acabastes de pronunciar perante alta soberania e fidedignos vassallos da minha conta. Não fossem as leis do Império, consagrada às três pessoas da Santíssima Trindade, aplicar-vos-ia o merecido castigo. Entretanto, voltai e dizei ao vosso Rei que me não assustam inimigas tropas nem as terríveis ameaças com que pretende intimidar os fiéis e destemidos soldados dos meus esquadrões, e que em campo estou e em campo espero.

Retruca o Embaixador Mouro:

- Ó Rei de juízo vário, outro acordo toma, abraça a lei Mafoma e não sejas temerário, pois se fizerdes o contrário, já toda a paz se desterra e eu serei, na mesma guerra, qual raio fulminante que te reduzirá num só instante em cinza ou terra!

Responde-lhe o Rei Cristão:

- Sai-te desumano antes que, do peito fraudulento, o coração te arranque.

Diz-lhe o Embaixador Mouro:

- Retiro-me por de ti me aborrecer e não por te temer.

(Após este diálogo entre o Rei Cristão e o Embaixador Mouro, este último galopa em direção ao grupo dos cavaleiros mouros e se coloca em frente ao seu rei). Chega o Embaixador Mouro em frente ao Acampamento e diz:

-Monarca, Rei e Senhor! Fui às partes do Poente onde me mandastes e lá encontrei o rei ricamente montado, o qual disse-me todo irado que no Campo da Morte está e no Campo da Morte vos espera, onde vereis uma fera, toda cheia de furor, que qual raio abrasador, vos fará cair por terra.

Diz-lhe o Rei:

- *Recolhe-te, Embaixador amado, que muito breve serás vingado*".
(Programa de apresentação das Cavalhadas de Pirenópolis
publicado por Piretur, de Jarbas Jayme, 07-08).

Embaixada dos Cristãos

“Após a embaixada dos mouros, segue-se a dos cristãos que, em parte, repete a primeira. É interessante notar que em Pirenópolis as duas embaixadas e o ‘arrazoado dos reis’ são feitos em seguida” (BRANDÃO, 1981: 90).

“Segue-se a embaixada do Rei Cristão.

O rei chama o seu embaixador e este diz:

- Senhor!

Ordena-lhe o Rei:

- Vai áquele exército dos Mouros e dize ao Rei que, por ti, saudá-lo mando e a dizer-lhe envie que deixe Mafoma desta vil seita infame, e dos diabólicos ídolos, que tão firmemente idolatra; que se isto fizer mediante as águas do Santo Batismo e pequeno tributo, ser-lhe-ei amigo. Vai e dize.

Responde o Embaixador:

- Saberei cumprir o vosso régio mandado.

Depois de pequenas exigências (as mesmas desenroladas no meio flanco do campo, quando da embaixada dos mouros), apresenta-se o Embaixador Cristão ao Sultão da Mauritània e diz:

- O glorioso Monarca Carlos Magno, senhor de todo o Ocidente, manda saudar-vos e, ao mesmo tempo dizer-vos que deixeis de Mafoma, seita vil e infame, e dos diabólicos ídolos que tão firmemente idolatrais; que, se isso fizerdes, mediante as águas do Santo Batismo e um pequeno tributo, será vosso amigo.

Responde o Rei Mouro:

- Injuriosas foram as palavras com que te referiste ao grande Profeta. Vale-te entretanto o indulto de Embaixador. Não fora isso, mandar-te-ia cortar a cabeça e colocá-la na mais alta torre do meu castelo, para servir de exemplo aos teus. Volta e dize ao teu Rei que rejeito as suas vis propostas e que desejo ter a sós, com ele, uma conferência nos lindes dos nossos domínios. Retorna o Embaixador Cristão e diz ao Rei:

- *Monarca, rei e Senhor! Fui às partes do Nascente, onde me mandastes e, lá, encontrei o Rei Mouro que, rejeitando vossas propostas, convida-vos a terdes, a sós com ele, uma conferência na fronteira de seus domínios.*

Diz o Rei Cristão:

- *Recolhe-te, meu fiel Embaixador, a tua vingança a mim compete” (Programa de apresentação das Cavalhadas de Pirenópolis, publicado por Piretur, por Jarbas Jayme, 09).*

O Arrazoado dos Dois Reis

“Os dois reis se dirigem ao centro do campo, um pela extrema direita e outro pela extrema esquerda. Quando se aproximam, diz o Rei Mouro”: (BRANDÃO, 1981: 91).

“- Um só passo não dê à frente, sem que primeiro me digas quem és, que lei professas e o que buscas pelas terras da Turquia.

Retruca-lhe o Rei Cristão:

- *A figura que eu represento é, por sem dúvida, a de grande monarca. Todavia as tuas perguntas te desmentem, pois não me mandastes dizer, há pouco, que desejavas ter, a sós comigo uma conferência às margens desta baliza; Como me perguntas, agora, quem sou, que lei professo e o que busco pelas terras da Turquia? Não te sastifarei as exigências sem que, primeiro, me digas quem és e o que buscas pelas terras do meu domínio.*

Responde o Rei Mouro:

- *Eu sou o grande Sultão, senhor da Mauritància. Senhor de meio sol e de meia lua e de todo o mar vermelho. Já disse quem sou. Dize tu quem és.*

(Responde o rei Cristão):

- *Eu sou Carlos Magno, dos heróicos príncipes da Europa o mais poderoso. Professo a lei de Cristo e adoro as Três Pessoas da Santíssima Trindade. E és tu mesmo, bárbaro, a quem eu busco. Vem comigo. Receberás as águas do Santo Batismo e, mediante pequeno tributo, ser-te-ei amigo e te concederei grandes honras.*

Retruca o Rei Mouro:

- *Eu não quero as tuas honras e nem troco as minhas pelas tuas. Só tenho a dizer-te que o que vieste fazer neste campo, para morrer e para acabar a vida.*

Fala o Rei Cristão:

- Essa tua soberbia e arrogância, essa tua insolência e fantasia não se acabam com palavras, mas com o duro fio de minha espada (e avança contra o Rei Mouro).

Fala o Rei Mouro:

- Detém-te, ó Rei Cristão. Vou te cometer um partido.

Diz o Rei Cristão:

- Dize qual é?

Responde o Rei Mouro:

- Vamos ao campo de batalha. A lei do vencedor será firme e valiosa; a do vencido, falsa, infame e mentirosa.

Fala o Rei Cristão:

- Muito me custa esclarecer-te uma verdade que tenho por certa, segundo a fé de Deus que adoro e, como conto com a vitória, toma campo, bárbaro, aperta a lança, faze por ser bom cavaleiro que, em breve, te arrependerás.

Retruca o Rei Mouro:

- E tu morrerás!

(Voltam os dois Reis até junto de seus cavaleiros).

Ao chegar ao seu acampamento, dirige-se o Rei Mouro aos seus soldados:

- Fiéis e valente companheiros. Vamos ao campo de batalha pelear. Chegou a hora de mostrarmos o nosso valor. Mauritanos, sigam comigo que a vitória será nossa”. (Programa de apresentação das Cavalcadas de Pirenópolis publicado por Piretur, por Jarbas Jayme, 09).

Durante o primeiro dia das Cavalcadinhas, após o fracasso das embaixadas e o encontro dos dois reis, começam as carreiras ³.

“Todos cavaleiros estão encastelados em linha, a partir do rei no extremo oposto ao seu flanco (figura 9-10). (...) Cada vez que os cavaleiros de um ou outro lado saem de seu castelo ou acampamento, há uma carreira ‘de fio todo’; ora com dois de cada lado, ora com apenas um de cada lado. Cada carreira tem uma coreografia equestre diferente (algumas se assemelham com pequenas diferenças), assim como tem também um nome diferente. Mas quase todas elas, fora as últimas do segundo dia, as de entrada e saída em cada dia e as primeiras do terceiro dia, prevêm três encontros dos cavaleiros rivais: um primeiro com lanças (figura 11), um segundo com pistolas (tiros de festim), e um terceiro com espadas” (BRANDÃO, 1981:93).



Figura 9 - Cavaleiros Mouros estão encastelados em linha, a partir do rei no extremo oposto ao seu flanco. Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1989.



Figura 10 – Cavaleiros Cristãos estão encastelados em linha, a partir do rei no extremo oposto ao seu flanco. Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1989.



Figura 11 – Cavaleiros cristãos com lanças. Pirenópolis, 2003.



Figura 12 – Cavaleiros cristãos e mouros com pistolas de festim. Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.

3 – *Carreira*: cada carreira compreende uma sequência de galopes de efeito coreográfico pelo campo. Ocupa todos os cavaleiros mouros e cristãos, ou parte deles galopando por exemplo, de dois em dois ou de quatro em quatro ao mesmo tempo. Durante a fase de lutas as carreiras envolvem simulações de combates equestres entre os cavaleiros, inicialmente com lanças, depois com pistolas (tiros de festim) e finalmente com espadas. Há também carreiras feitas depois da “paz”, tendo os cavaleiros flores em suas mãos. Todas as carreiras tem nome e representam momentos e situações diversas durante os combates e a conciliação (BRANDÃO, 1981: 110).

Desta forma, neste dia são apresentadas um total de dez carreiras⁴. Nas Cavalladinhas foi criada uma carreira que se chama *Corrida de dois*, em que dois cavaleiros de ambos os grupos lutam com lanças, armas e espadas. Todos os cavaleirinhos participam. Esta carreira não é apresentada nas Cavalladas dos adultos. Assim, por ser nova, não está incluída na descrição feita por BRANDÃO.

De acordo com Carlos Rodrigues Brandão, os mascarados durante os intervalos entre as carreiras, entram no campo e galopam, simulando lutas. Estes, no decorrer das carreiras, ficam na linha externa do campo de batalha e nos palanques.

4 – “**2ª carreira:** DEFESA DE PRAÇA. Entra à esquerda. Dá o primeiro tope no flanco. O segundo é a mesma coisa. Faz S para dar fogo. 1º e 2º tope de espada. Só tem um S depois do primeiro tope de lança. **3ª carreira:** ESCARAMUÇA GRANDE. Faz O (letra O) e passa de passagem pelo castelo e entre no Flanco direito. Dá o 1º tope no flanco e o 2º no Castelo cristão (em frente ao lugar onde os cavaleiros cristãos ficam alinhados). O 3º (tope) no Flanco. O 4º no castelo cristão. 5º no Flanco. Fogo e Meia Lua (meio campo). Dá o primeiro tope de fogo e faz S para dar o 2º fogo. Espada entra pelo Flanco esquerdo. Dá o primeiro tope no Flanco, o 2º no castelo dos mouros. 3º no Flanco. 4º no Castelo dos mouros. 5º nos Flancos. (Esta é uma carreira com todos os cavaleiros em Fio Todo). **4ª carreira:** BATALHINHA. 4 cavaleiros, dois de cada lado. Faz a Flor e entre pelo meio. Dá o primeiro tope no Flanco e faz S. Dá o segundo tope no outro Flanco. Fogo, entra pelo meio, dá o primeiro tope e faz S para dar em outro Flanco. Espada a Roda (sair pelo campo à volta dando tope em cada extremo do Flanco). **5ª carreira:** UNIÃO. Faz a Flor e depois faz o O, passa de passagem pelo castelo desfechando lanças. Faz meia Flor, passa pelo castelo para entrar em outro Flanco. Faz meia Flor, passa pelo Castelo para dar o 1º fogo. Faz meia Flor para dar o 2º fogo. Faz meia Flor para dar espada a Roda. **6ª carreira:** TORNO DE PARELHA. 4 cavaleiros fazem a Flor e entram pelo meio. Dá o primeiro tope no meio. Entra pelo Flanco à esquerda do cavaleiro, vai ao castelo contrário e entra pelo meio. Dá o 2º tope no meio e entra pelo Flanco esquerdo. Fogo e meia lua. Dá o 1º fogo e faz S para dar o 2º Fogo. Espada entra no meio dá o 1º tope no meio. Entra pelo Flanco direito. Vai ao Castelo contrário. Entra pelo meio, dá o 2º tope no meio. Entra pelo Flanco e vai encastelar. **7ª carreira:** TORNO DE QUATRO. Faz a Flor e entra no meio. Dá o 1º tope faz meia Flor trapassa e volta para o 1º tope no meio. Vem pelo meio, dá o 1º tope no Flanco e volta para dar o 2º tope de fogo em outro Flanco. Espada a roda. **8ª carreira:** TORNO DE QUATRO FIOS FECHADOS. É a mesma coisa que o torno de Parelha, apenas feito em fila (são duas filas de mouros e cristãos). **9ª carreira:** 10 DE MAIO. (é a última carreira do primeiro dia. Sua coreografia é uma mistura das outras duas carreiras anteriores). Duas filas. Faz a Flor. Duas Filas. Entra no meio, dá o 1º tope no meio. 2ª e 3ª à roda e 4ª no meio. Fogo, entra no Flanco, dá o 1º tope e faz Meia Flor para dar o tope em outro Flanco. Faz Meia Flor para dar o 1º tope de espada no meio. Então o 1º tope de espada é no meio. 2º e 3º à roda.” (BRANDÃO, 1981: 93-95).

Embaixada de Trégua

O Rei Mouro faz um pedido ao Rei Cristão de tréguas por 24 horas. Assim,

“Após a carreira denominada “10 DE MAIO”, o Rei Mouro manda pedir tréguas ao Castelo Cristão por 24 horas, com a finalidade de recompor suas tropas e ao mesmo tempo estudar as propostas das primeiras embaixadas. Chamando o seu embaixador diz o seguinte:

- Vai ao acampamento Cristão. E diz ao Rei que por minha alta clemência, mando propor-lhe tréguas por 24 horas.

Diante do Rei Cristão o Embaixador Mouro começa a transmitir a mensagem de seu Rei:

- O Meu Soberano, por sua alta clemência, manda porpor-te tréguas pelo espaço de 24 horas, para ver se nesse lapso de tempo reconcilie melhor, sujeitando-se assim, às condições que...

- Basta! – interrompe o Rei Cristão – já te entendo. Volte e diz ao teu Monarca que lhe concedo as tréguas que me propõe e que, amanhã, por estas horas, ele, tu e os teus, debaixo de minhas armas, estarão mortos ou prisioneiros.

Após este diálogo saem do Largo de Cavahada os Mouros, que antes fazem uma pequena evolução em seu campo e em seguida os Cristãos, com idêntica apresentação, terminando o primeiro dia de lutas” (Programa de apresentação das Cavahadas de Pirenópolis publicado por Piretur, por Jarbas Jayme, 12-13).

Segundo Dia

O segundo dia da festa das Cavahadinhas começa como foi mencionado anteriormente, com a alvorada às 05 horas da manhã e às 09 horas com a procissão da Coroa, saindo da casa do Imperador em direção à Gruta de Nossa Senhora de Fátima, que representa neste dia a festa de São Benedito. Acompanhadas da Banda de Couro, a procissão percorre o mesmo itinerário do dia anterior, com a alteração somente da participação da Imperatriz da festa de São Benedito, no lugar da Imperatriz da procissão de Nossa Senhora do Rosário. As crianças fazem a oração junto com os adultos.

Desta forma, dando seguimento à festa das Cavalhadinhas, começa neste dia a entrada das Portas-Bandeiras com as bandeiras do Divino Espírito Santo, dos Cristãos, dos Mouros e das Cavalhadinhas, ao som da banda de música Phoenix, no larguinho do Rosário.

Depois disso, é a vez dos mascaradinhos, que fazem brincadeiras e algazarra no campinho, ao som de músicas sertanejas e forró. A partir do momento em que a banda de música começa a tocar o Hino do Divino, de autoria de Tônico do Padre (1837-1903), os mascaradinhos ficam todos em silêncio.

De acordo com Carlos Rodrigues Brandão, “*após haverem entrado ao som dos mesmos toques de chamada de mouros e cristãos, os cavaleiros se encastelam e iniciam as carreiras*” (BRANDÃO, 1981: 96). No documentário de Nilson Jacy, é algo diferente, os cavaleiros entram ao som de música ao estilo sertanejo e depois é que é tocado o som na forma tradicional da festa. Neste segundo dia acontecem onze carreiras⁵.

Na 10ª carreira, há uma simulação dos mouros sendo presos e rendidos,

“os cavaleiros alinham-se pelo meio do campo e frente às autoridades. Os cristãos estão agora à direita e os mouros à esquerda. O Rei mouro grita então, ainda montado a cavalo, que aceita a fé cristã:

- Sim, aceito águas do Santo Batismo e reconheço o seu Deus como único e verdadeiro!

Os cavaleiros agora saem do campo e retornam a ele, depois, pela primeira vez entrelaçados (engrazados): rei cristão – rei mouro – embaixador cristão – embaixador mouro, etc.

Alinham-se longitudinalmente mais uma vez, mas agora entrelaçados e desmontados de seus cavalos. Os cristãos colocam-se por detrás dos mouros que se ajoelham (o rei mouro sobre um coxim vermelho).

É neste momento que entra no campo, pela direita, o vigário da cidade de Pirenópolis. Com um pequeno ramo de folhas ele joga água sobre os cavaleiros mouros com o que simula um batismo

coletivo, centralizado na figura do rei mouro. Assim que o Padre se retira de campo, os cavaleiros montam uma vez mais em seus cavalos e fazem a última carreira do dia.

11ª carreira: OUVIDOR. Engraza. Correr em roda do campo, ficam seis cavaleiros em cada entrada (4 na cavalladinha), avançam para o centro do campo, fazem um O, dão descarga, fazem caramujo e fazem a mesma coisa para o segundo fogo” (BRANDÃO, 1981: 98).

De acordo com os depoimentos recolhidos nas Cavalladinhas, o vigário que além de simular o batismo, aqui nesta festa das crianças é um adolescente do próprio bairro, que imita essas funções religiosas (figura 13).

5 - “**1ª carreira:** GUERRILHA. É a mesma da Batalha, porém com duas filas.

2ª carreira: Castelinho. De 4 cavaleiros. Faz a Flor entra pelo meio. Dá o primeiro tope no Flanco. Fogo. Entra pelo Meio, dá o 1º tope no Flanco. Faz S entra no Meio para dar o 2º tope em outro Flanco. Espada à Roda. **3ª carreira:** NAPOLEÃO. Faz a Flor e segue emparelhado. Entra pelo Flanco direito. Dá o primeiro tope no Flanco. 2º no Castelo dos Mouros. 3º no Flanco. 4º no Castelo dos Mouros. Fogo e Meia Lua. Dá o 1º tope e faz S para dar o 2º. Espada entra pelo Flanco esquerdo, dá o 1º tope no Flanco. 2º no Castelo cristão, 3º no Flanco. 4º no Castelo cristão, 5º no Flanco. De lança, o Rei Cristão ataca o Castelo dos Mouros. O Embaixador Cristão defende o Castelo. De espada, o Rei Cristão defende o Castelo e o Embaixador ataca o Castelo dos Mouros. (É evidente que, ao mesmo tempo os Mouros estão fazendo de forma semelhante na defesa de seu castelo e no ataque do Castelo Cristão). **4ª carreira:** FOGO NEGADO. Faz a Flor e entra pelo Meio e dá o 1º tope no Meio. 2º e 3º à Roda. O 4º no Meio. Fogo, entra pelo Flanco. O Rei Mouro dá o 1º tiro com o Embaixador Cristão. Atravessa o campo. O Rei Cristão e o Embaixador Mouro negam pelo meio (cruzam-se na linha do meio do campo com as pistolas, mas não dão os tiros de festim para o chão. O 2º tiro do Rei Cristão e o Embaixador Mouro. Entra pelo Flanco dá tiro e segue pelo meio. O 3º tiro é o Rei Mouro e o Embaixador Cristão. Dá o 3º tope e atravessa o campo. O Embaixador Mouro e o Rei Cristão negam pelo meio. O 4º fogo, o Rei Cristão e o Embaixador Mouro dão e atravessam o campo. Aí é de espada. Entra pelo meio, dá o 1º tope no meio. 2º e 3º à Roda e 4º no meio. **5ª carreira:** BATALHÃO. Fila toda. Faz O, passa pelo castelo e entra a direita, aquém do Flanco, Faz frente, dá o tope, trapassa, quebra garupa e faz S para dar outro tope. Todos os topes são feitos do mesmo jeito, fazendo sempre o S. Nessa carreira o Rei dá tope com cerra-fila. **6ª carreira:** CASTELINHO. O mesmo que o Castelinho do primeiro dia, apenas com duas filas de mouros e duas de Cristãos. **7ª carreira:** NOVATA. O mesmo que o Torno de Quatro, mas com duas filas. **8ª carreira:** ALCANCILHA DE FOGO. Primeiro o Rei Mouro entra à direita sua e vai ao castelo cristão e dá o tiro. Vem esperar o Rei cristão. Este entra pela direita, dá o tiro e vem esperar o Embaixador. Seguem assim até o último cavaleiro. **9ª carreira:** ALCANCILHA DE LANÇA. O Rei Mouro entra à sua esquerda e desafia o Rei Cristão. Este o acompanha, dá o tope e passa a frente. Desafia os mouros. O último cavaleiro cristão vai preso. (Não há mais detalhes sobre esta prisão e parecia ser cena que perdeu o sentido que devia ter em outros tempos). **10ª carreira:** PRISÃO. Toda a fila. Entra a esquerda, dá o primeiro tope e faz S. No 2º tope os cristãos prendem os mouros. Os mouros (já presos) fazem S no 2º tope. Larga a lança no Castelo cristão. Fogo, espada e Meia Lua (2 topes).” (BRANDÃO, 1981: 96-98).



Figura 13 – **Batismo dos Mouros**. Pirenópolis, 2003.

Em um dos momentos de intervalos das carreiras, acontece o festival do Geladinho. Nas Cavalhadas dos adultos, se chama de festival do Chope. No das crianças é algo bem infantil.

Depois dos mouros terem sido batizados, acontece os cumprimentos de toda a comunidade, no qual todos os participantes da festa das Cavalhadinhas, incluindo moradores, crianças e turistas.

Assim, nestes dois dias de Cavalhadinhas,

*E o que dizer das evoluções e carreiras?
São uns verdadeiros portentos.
As lutas prosseguem nos dois primeiros dias.
E, os mouros acabam se redendo, sendo batizados, e aderindo,
por fim,
Às exibições coletivas e às correrias gerais!
É a vitória da cruz sobre a espada.*

Do Evangelho do Cristo sobre o Corão de Maomé...”
(PINA, Maria. 1993: 101).

Terceiro Dia

O último dia começa com a procissão das virgens e do símbolo do Divino Espírito Santo, com as portas-bandeiras, o imperador, a banda de música e o povo. Percebi a grande participação de meninas, todas elas de roupas na cor branca. Muitas, tão pequenas, que são acompanhadas por suas mães. Não há uma organização sistemática das virgens.

Chegando na gruta de Nossa Senhora de Fátima, as crianças rezam e não há a presença de muitos meninos na procissão. A presença maior é de meninas. Por ter muitas crianças idades de 02 a 06 anos, elas não sabem rezar, e a participação delas é uma forma de conscientização sobre a festa do Divino, no qual vai crescendo com este aprendizado muito rico de tradição e fé.



Figura 14 – **Procissão das Virgens**. Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1998.

Depois da oração é tocado o Hino do Divino, com uma queima de fogos de artifícios. A procissão se encaminha para levar de volta o símbolo do Divino à casa do Imperador e, ali, são entregues as Verônicas⁶ para todos os participantes.

No larguinho do Rosário, neste último dia das Cavalhadinhas, começa a apresentação das meninas dançando catira com seus chapéus pretos, lenços vermelhos no pescoço, calças jeans e botas pretas. Com a coreografia, de acordo com a banda de música, vão dançando, batendo os pés e palmas das mãos e acenando com os chapéus para a despedida ao público. Lá vem as Pastorinhas, com a presença de um menino pastorinho, para dar graça à festa que, ao som de músicas, vão dançando. A encenação dos grupos folclóricos é efetuada, da mesma maneira, em todos os dias anteriores na festa.

Os compositores Noel Rosa e João de Barros, escreveram a seguinte música sobre as pastorinhas:

*“a estrela d'alva
No céu desponta
E a lua anda tonta
Com tamanho esplendor
E as pastorinhas
Pra consolo da lua
Vão cantando na rua
Lindos versos de amor
Linda pastora
Morena da cor de Madalena
Tu não tens pena
De mim que vivo tonto com o teu olhar*

6 – De acordo com Leila Miguel Fraga, em sua dissertação *O Divino Espírito Santo na Cidade de Goiás uma Festa do Patrimônio e da Memória*, as Verônicas é “confeccionada com a massa do alfenim, a partir dos moldes das verônicas (imagens gravadas da Pombinha). Representa a imagem do Divino Espírito Santo, distribuída após a missa de Pentecostes, com a função de selar a comunhão entre os devotos do Espírito Santo e o encerramento de mais um ano de festejos. Ou seja, fecha o ciclo do ritual de reciprocidade”. Originalmente, verônica é a imagem do rosto ensanguentado de Cristo gravada em metal. *Sudário* (FRAGA,2002: 82).

Linda criança (grifo meu)
Tu não me saís da lembrança
Meu coração não se cansa
 De sempre e sempre te amar.

As Pastorinhas
 (Noel Rosa e João de Barros)
http://www.mpbnet.com.br/musicos/silvio.caldas/letras/as_pastorinhas.htm

A presença dos mascarados, depois das apresentações da catira e das pastorinhas, é sublime. Com seus cavalos de pau, os meninos fazem as maiores correrias dentro do campinho e só param para escutar o Hino do Divino. O respeito é tão grande por essa música, que os mascaradinhos deixam seus cavalos de pau no chão.

O último dia das Cavalhadinhas chegou e depois dos mouros convertidos em cristãos é o momento dos jogos, sendo divididos em dois:

“uma que dá conta do final do ritual de memória das lutas de cavaleiros; outra em que as competições dos jogos a cavalo são realizadas pelos cavaleiros. Nas carreiras finais do ritual de Cristãos e Mouros as simulações de lutas são substituídas integralmente pelas de conciliação. Os cavaleiros entram com lanças. Entregam-nas aos seus escudeiros e galopam com flores que trocam entre si, e que depois levam à assistência. As lanças serão retomadas apenas para os jogos”
 (BRANDÃO, 1981: 100).

Os cavaleirinhos mouros e cristãos recebem as flores (papel) da Dona Maria Eunice Pereira e Pina, que há muitos anos faz este ritual. Ela é, também, a responsável pela entrega das flores nas Cavalhadas dos adultos.

Deste modo, Maria Eunice Pereira e Pina em sua poesia *As Flores dos Cavaleiros*, retrata este momento tão importante:

*“Estas flores velhas e já desbotadas
 Que para os outros não tem grande valor,
 Continuam, por mim, muito bem guardadas,
 Como se guardam relíquias, com amor!
 São simples, não representam grandes riquezas,
 Porém, para mim são de grande valia:
 Eu sonhava... Esperava... Que beleza!
 Agora vou dizer-lhes de quem ganhei:
 Estas flores velhas e bem amassadas
 São troféus que pela vida conquistei...
 Como relíquia serão sempre lembradas,
 Pois, no coração sempre as guardarei:
 Elas foram presentes das CAVALHADAS”*
 (PINA, Maria. 1993: 97).

Começa então, as carreiras do terceiro dia:

“1ª carreira: FLORÃO (A descrição agora é minha e não do Sr. Ataliba). Os cavaleiros mouros e cristãos entram entrelaçados e pelo mesmo lado. Saem juntos a galope e se distribuem aos seis, pelos lados do campo (...), depois alguns voltam a encastelar-se e ficam nos lados apenas três cavaleiros mouros e três cristãos formando pares mixtos em cada um dos lados extremos do campo. Um cavaleiro mouro galopa em direção a um cristão carregando uma flor artificial. Quando se aproxima, pára. Ambos beijam suas flores e, enquanto giram os seus cavalos um em torno do outro, trocam as flores. Agora é o cavaleiro cristão que galopa em direção à dupla seguinte para fazer o mesmo com um cavaleiro mouro. Isso é feito por todos, até que todos tenham trocado suas flores, mouros com cristãos. (...).

2ª carreira: LUXURIA. (...) representa uma homenagem dos cavaleiros à assistência. Os **24 cavaleiros** (grifo meu), engrazados, colocam-se da seguinte maneira nos lados do campo: seis cavaleiros, três mouros e três cristãos. Cada grupo de cada vez, e vai à presença de uma pessoa da platéia, previamente escolhida para a homenagem. Perto dela fazem fila um a um, beijam a flor que tem na mão e solenemente entregam ao homenageado. Abraçam-no, sem descer do cavalo, e dão lugar para outro. Quando todos os do grupo fizeram o mesmo voltam em fila para o seu lugar, no campo. Outro grupo desloca-se e faz o mesmo com um novo homenageado (BRANDÃO, 1973: 100-101).

Como diz Carlos Brandão, o rito se transforma em jogo. Existem os jogos da cabeça e das argolinhas. Na figura 15, têm-se a noção de como é o jogo das cabecinhas humanas de papelão. Estas são

“colocadas em pequenos troncos de banananeiras cortados com pouco menos de um metro e meio, e fincados, dois ao centro, e quatro aos lados do campo. Saem os cavaleiros, um vermelho e outro azul em direção às cabecinhas, primeiro com suas lanças. Tentam furá-las e, se possível, retirá-las de onde estão. Depois retornam com as pistolas que detonam perto delas (sem efeito real algum, porque o tiro é de festim). Finalmente, correm ao mesmo tempo com as espadas à mão e tentam retirar com um golpe as cabecinhas ao centro do campo” (BRANDÃO, 1981: 101).

Depois da corrida das cabecinhas, é a vez das argolinhas. Estas

“são penduradas de um arco fincado a um dos lados do campo (o oposto às autoridades) e que os cavaleiros procuram retirar com suas lanças, após demonstrações de destreza com elas, a galope. A participação da assistência chega então a um climax e os cavaleiros que conseguem arrancar argolinhas (exercício muito mais difícil que o de cabecinhas) são homenageados com prendas” (BRANDÃO, 1981: 101).

Durante os jogos das argolinhas, verifica-se como as crianças ficam decepcionadas quando não conseguem acertar. Em determinados momentos, algumas até choram, enquanto as que acertam são aplaudidas por todos. As prendas que os cavaleiros recebem são cestas com balas, chocolates e outras guloseimas, que toda criança gosta.



Figura 15 – Corrida das Cabecinhas na Festa das Cavalhadinhas. Mouro acertando a cabeça de papelão. Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1997.



Figura 16 – Cavaleiro Cristão acertando a argolinha, na sua esquerda João Luiz Pompeu de Pina, coordenador das Cavalhadinhas. Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.



Figura 17 – Cavaleiro Cristão, recebendo a prenda por ter conseguido acertar no jogo da argolinha. Acervo João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.

Neste momento do jogo das argolinhas, alguns meninos deixam de ser mascarados e assim, no final da festa, revelam suas identidades, coisa que não pode ser feita nas Cavalhadas dos adultos. Nas Cavalhadinhas das crianças tudo é permitido (figura 18).

(...) Terminada esta parte final dos jogos, quando os cavaleiros passaram mais uma vez pelas argolinhas, fazem todos as últimas carreiras pelo campo:

QUATRO FIOS de LENÇO: correm sempre duas filas de cada lado, agitando lenços brancos durante a corrida. (...)

DESPEDIDA: Os cavaleiros correm pelo campo com uma fila se intercalando na outra. A banda toca um último dobrado: “A Cavalhada acabou” (BRANDÃO, 1981: 101-102).



Figura 18 – **Mascaradinho revelando sua identidade.** Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.

O Recomeço

Durante todos os anos, desde 1989, quando começaram as Cavalladinhas oficialmente como evento, os ensaios têm o apoio de João Luiz Pompeu de Pina. Terminada a festa das crianças, no próximo ano recomeça tudo novamente, já que no último dia da festa é escolhido o próximo imperador. É sempre um ciclo.

Assim, antes da festa acontecer no período de Corpus Christi, depois de terminada as Cavalladas dos adultos, João Luiz reúne a criançada e começa a ensaiar todas as coreografias das carreiras. Durante muito tempo, Suelene, esposa do Itamar

Gonçalves, Secretário de Cultura de Pirenópolis, coordenou o ensaio das meninas. Entretanto, nos dois últimos anos não permaneceu no cargo.

Em todos os momentos da festa das Cavalhadinhas, o João Luiz Pompeu de Pina participa na orientação das crianças e as incentiva à encenar corretamente, para assim proporcionar um brilho maior à festa.

A comunidade da cidade de Pirenópolis participa ativamente da festa, ajudando as crianças na confecção das roupas, nos enfeites dos cavalinhos de pau, montagem das arquibancadas, preparação das verônicas e ainda na Farofadinha. É uma união muito bonita deste povo, em preservar e incentivar as crianças em manter a tradição das Cavalhadas.



Figura 19 – Meninos ensaiando as coreografias das carreiras para as Cavalhadinhas. Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.



Figura 20 – **João Luiz orientando os Cavaleiros Cristãos durante as Cavalhadinhas.** Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1998.



Cavaleirinhos Mouros e Cristãos. Pirenópolis, 2003.

CAPÍTULO II – As Cavalhadinhas como Tradição Inventada

Contexto Histórico das Cavalhadas no Brasil

É importante conceituar o que sejam Cavalhadas e outros verbetes, como cristãos e mouros. Luís da Câmara Cascudo cita, no Dicionário do Folclore Brasileiro, os seus significados: “*Cavalhada nomeia um desfile a cavalo, corrida de cavaleiros, jogo de canas, jogo de argolinhas (...). Cristãos e Mouros aplica-se a uma luta simulada entre cristãos e mouros e representa por ocasião de festas religiosas ou acontecimento social de relevo*” (CASCUDO, Apud. BRANDÃO, 1981: 37).

Depois de saber conceitualmente o que seja Cavalhada, é preciso fazer um breve levantamento histórico no Brasil e em Pirenópolis, para se chegar nas Cavalhadinhas das crianças.

As Cavalhadas são uma tradição que conta a história da Península Ibérica, no qual se localizam a Espanha e Portugal. Assim, “*essas histórias falam de uma época em que essa região foi conquistada por povos de outros países e de outra religião. Eram povos de religião muçulmana que acreditavam no profeta Maomé e também eram chamados mouros de um modo geral*” (DEUS, 2002: 62).

De acordo com o contexto histórico, a Espanha foi dominada pelos muçulmanos durante quase 800 anos, sendo depois expulsos no século XV (DEUS, 2002). As Cavalhadas têm suas origens ligadas, também, a Portugal do século XVII. As Cavalhadas são uma encenação da luta entre mouros (muçulmanos) e os cristãos (espanhóis), que foi transformada através de poesias, contos, canções e teatro e ficaram conhecidas desde o século XV.

A forma mais comum desta “expansão” da história dos cavaleiros medievais foi o teatro. Durante o século XV foram praticados em Portugal, os torneios das Cavalhadas nas festas da Corte e se tornaram um grande gosto popular.

No Brasil, as Cavalhadas chegaram inseridas em muitas festas. De acordo com José Ramos Tinhorão, em seu livro *As Festas no Brasil Colonial*, a respeito da parte histórica das Cavalhadas, argumenta que:

“Para ilustrar essa vocação indicadora de grandeza senhorial dos torneios festivos (destinados a passar à tradição folclórica brasileira sob o nome de Cavalhadas), o mesmo Pereira da Costa, baseado em “Crônicas Coevas” (que não cita), lembrava o caso do fidalgo florentino Filipe Cavalcanti, que chegou a Pernambuco em 1558 (“constituindo família, vivendo abastada e faustosamente”), era assim referido pela tal “Crônica Coeva”: “montava cavalos de raça ricamente ajezados, organizava e tomava parte em cavalhadas e torneios públicos, e vestia-se com grande distinção e elegância, orçando as suas despesas anuais perto de oitenta mil ducados” (TINHORÃO, 2000: 47).

Verifica-se deste modo, que as Cavalhadas foram teatros, ou até mesmo torneios, muito encenadas nas festas da corte desde o período colonial. A grande massa dos moradores da cidade, ou seja, a baixa camada era apenas expectador.

Durante a realização destas festas, na corte, a maior atração eram os jogos cavaleirescos, como das Cavalhadas, das argolinhas e das canas, que tinham aproximações e imitações aos torneios medievais.

Muitos anos depois, as Cavalhadas passaram a ser muito popular e se misturaram em festas dos Santos, e encenadas em diversas cidades do Brasil, como nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Goiás.

Grandes viajantes narraram as diversas Cavalhadas no Brasil, no qual se destacam João Emanuel Pohl e August de Saint-Hilaire. A primeira Cavalhada que se tem notícia em Goiás, foi encenada em 1769 na cidade de Corumbá. Vale aqui mencionar as narrativas que Pohl fez a respeito das Cavalhadas em Santa Cruz, no ano de 1817:

“Durante a minha estada em Santa Cruz levaram-me a assistir à festa de Pentecostes, que começou com grande solenidade já na tarde de nossa chegada começara o barulho sem o qual os brasileiros não fazem a festa. A essa hora a localidade estava muito animada, pois todos os habitantes pertencentes ao julgado, de perto ou de longe, haviam chegado com suas famílias para abrilhantarem a festa. Observei, entre as mulheres, fisionomias notavelmente belas.

Nessa noite, todas as ruas do lugar já estavam iluminadas; defronte da residência dos chamados imperador e imperatriz eleitos para essa festa havia arcos triunfais, caramanchões de folhas verdes. Ecoavam trombetas e tímboles, eram disparidades tiros de alegria e entoados cantos de louvor ao Espírito Santo. Apareciam diante da casa cavaleiros vestidos de branco, em palos com gualdrapos brancas, campainhas e guisos. Traziam grandes lanternas de papel sobre altos bastões. Passou ainda um carro de duas rodas onde se comprimiam alguns cantores; e o canto desses homens unido ao rangido do carro produziam um concerto atroador. Assim continuou por metade da noite, rua acima e rua abaixo. Foi ainda queimado um fogo de artifício. – No dia da festa propriamente dito, ao romper do dia, já havia barulho e tropel nas ruas. O comandante e os habitantes mais distantes vieram prestar-me homenagens e a guarnição uniformizada, constante de dez soldados, marchou de minha casa, fazendo-me continência. A música consistia num violoncelo, tocado por um oficial uniformizado, duas rabecas, duas flautas e um tambor. Finalmente, dirigimo-nos, precedidos da tropa, à residência dos chamados imperadores. Ele estava sentado em sua sala, sob um docel, todo vestido de preto, com uma coroa de papel e um cetro pintado. Descia-lhe dos ombros um manto e da botoeira pendia um crucifixo de latão. Cada pessoa que entrava devia dobrar o joelho diante dele. Naturalmente eu não fui excluído dessa cerimônia. Então cada um dos presentes recebeu um cajado branco de uma vara de comprimento, com o qual os notáveis, entre os quais fui contado, formaram um quadrado em torno do imperador. Um pajem sustinha a cauda do manto e assim se pos o cortejo em movimento. Na frente do cortejo, era levada a bandeira do Espírito Santo. Na Igreja, o padre apresentou o hissope e o imperador foi conduzido a um trono, no interior. Foi eleito por sorte o imperador do próximo Pentecostes: a sorte caiu sobre o filho de Coelho, o dono de Caldas Novas, um rapaz de 15 anos. Em conclusão foi lida a lista da quantia com que devia contribuir cada dignatário.

Depois de terminada a solenidade religiosa, durante a qual foram prestadas todas as homenagens ao imperador e foram consagrados pães, iniciou-se o regresso, durante o qual as mulheres espargiam sobre a cabeça do imperador grãos de milho, que deviam trazer fertilidade a sua casa. – Em seguida, o imperador sentou-se a uma mesa de 40 talheres, que já estava posta. Aos seus lados fomos colocados o vigário e eu. (...) Foram proferidos brindes à saúde do imperador e os improvisadores recitaram poesias de circunstância. Apenas decorrerá uma hora do banquete durante a qual o imperador fazia a sesta na rede, e já começaram a soar nas ruas as trombetas e tambores e o povo se reunia na praça, defronte da Igreja Nossa Senhora do Rosário, para assistir ao jogo dos cavaleiros. O comandante e o juiz vieram buscar-me; dirigimo-nos à casa do primeiro, diante da qual a tropa estava formada, e ele saudou-nos. Então partiu o cortejo para a praça. Seguiram à frente, as mulheres da família do comandante, envoltas em mantos; depois os soldados, aos pares, com a música e finalmente eu, tendo à direita o comandante e à esquerda o juiz, e, por fim os demais habitantes. Na parte de cima da praça, estavam os cavaleiros, vestidos com o uniforme português, em formatura e saudaram-nos com suas espadas. A praça, muito espaçosa, estava repleta de espectadores. Tomamos assento numa elevada tribuna de ramos. Os ramos de palmeiras protegiam-nos ao mesmo tempo contra o sol. Mais abaixo estavam os soldados. Por meio de uma risca traçada de cal a praça estava dividida em forma de cruz. O jogo foi iniciado com o aparecimento de estranhos mascarados, que, com as caretas e chicotes, provocavam gargalhadas, especialmente um deles que representava um mestre-de-dança francês. Era uma figura escaveirada, coberta com uma rabeca feita de uma cabaça escavada, coberta com um pano branco. Dentro dela havia escondido um gatinho. Quando o mestre-de-dança tocava com o arco ou com o dedo no animal, este soltava sons lamentosos, com o que o povo parecia divertir-se imenso! – Então começou o jogo propriamente dito, que representava um combate entre os mouros e os portugueses. Um grupo dos mouros muito bem vestidos penetrou na praça, saudando com as espadas, seguindo-lhes os cavaleiros portugueses. O espetáculo foi aberto por uma embaixada que oferecia a paz aos mouros se eles passassem para a religião cristã. A oferta foi recusada e principiou o combate. Os mouros foram vencidos e convertidos. Durante as pausas do espetáculo, eu tive de conformar-me em percorrer a praça em todas as direções, com os soldados à

frente; em toda parte éramos cumprimentados com gritos de viva pelos homens que descobriam as cabeças; depois do que voltávamos à tribuna e o espetáculo continuava. O combate foi executado com admirável habilidade; as evoluções, o lançamento dos venábulo, o esgrimir das espadas despertaram-me sincera admiração. Era perfeito o manejo dos cavalos, e estes de admirável beleza. Nenhum acidente no combate perturbou a alegria geral. Ao por-do-sol, findou o espetáculo, que devia ser continuado no dia seguinte. Acompanharam-me, ao som da música, até em casa. Como eu me sentia bastante indisposto muito me alegrou poder ir para a cama. Eu sentia desfalecimento e acesso de vômito a que mal podia resistir. Quando eu já estava acamado, mandou-me o imperador a maior torta de sua mesa e vários pratos com frutas e conserva; o barulho, nas ruas, continuou até meia-noite. Apesar de meus achaques, assisti, na segunda-feira do Espírito Santo, à continuação e fim do espetáculo. A conclusão foi um torneio, executado com admirável habilidade. Acompanharam-me de novo a casa, com a música; na minha residência esperavam-me todos os cavaleiros, que me saudaram com um viva uníssono!” (POHL, Apud. BRANDÃO, 1981: 60-63).

As Cavalhadas, no Estado de Goiás, acontecem durante as festas do Divino Espírito Santo, principalmente nas cidades de Pirenópolis, Santa Cruz e Jaraguá. Existem outras festas que são inseridas nas Cavalhadas, como é o caso da festa de Nossa Senhora da Penha, em Corumbá (DEUS, 2002).

Cavalhadas de Pirenópolis e seu Ambiente Histórico

As Cavalhadas de Pirenópolis estão inseridas dentro da festa do Divino Espírito Santo, a qual é realizada em doze dias de rituais religiosos e profanos tendo seu ápice no Domingo do Divino, cinquenta dias após a ressurreição (Páscoa).

A respeito dos rituais religiosos, destacam-se: as alvoradas, as tocatas, as novenas (missas), as procissões da bandeira, da coroa e do Espírito Santo, as missas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, o sorteio dos novos encargos e a procissão do novo Imperador. O ritual profano, de acordo com BRANDÃO (1984), seriam os mascarados, as pastorinhas, o reinado de Nossa Senhora do Rosário, as Cavalhadas e o festival do Chope.

“De acordo com Pompeu de Pina, o costume de festejar o Espírito Santo foi adotado em todas as cidades goianas do ciclo do ouro a partir do começo do século XIX. O comendador da Costa Teixeira promoveu a primeira festa do Divino, no ano de 1819, desde mais de um século e meio para cá, não se deixou de realizar em Pirenópolis. A introdução é alguns anos posterior à da festa do Divino Espírito Santo” (BRANDÃO, 1984: 64-65).

A primeira Cavalhada de Pirenópolis aconteceu no ano de 1826, e o festeiro foi o Padre Manuel Amâncio da Luz. Um dos aspectos importantes a se ressaltar, é que nas Cavalhadas foi inserida a manifestação dos “Batalhões de Carlos Magno”, tendo sido realizada no ano de 1836. Depois de muito tempo, deixou de ser apresentada. A característica deste “Batalhão” é que era apresentado no campo das Cavalhadas e simulavam uma luta, mas sem a presença equestre.

Na festa do Divino de Pirenópolis há dois grupos: os cavaleiros e os mascarados. Os cavaleiros que se apresentam nas Cavalhadas são representados em cada grupo um total de 12, sendo destes um embaixador e um rei. Os cavaleiros cristãos são representados em trajes na cor azul e os mouros na cor vermelha.

É uma luta teatralizada com corridas, embaixadas e jogos. Esta apresentação tem uma duração de três dias, sendo que nos dois primeiros dias há a luta entre mouros e cristãos. Com a vitória dos cristãos, ocorre o batismo dos perdedores no segundo dia da festa. Durante o decorrer do último dia, acontecem dois tipos de jogos: a corrida de cabecinhas e os jogos das argolinhas.

A presença dos mascarados nas festas populares vem desde a antiguidade clássica e o período medieval (DEUS, 2002). Em Pirenópolis, os mascarados fazem parte da festa desde 1957, e ninguém sabe ao certo suas origens. Eles utilizam cavalos todos enfeitados com flores de papel, fitas coloridas e a indumentária se compõem do uso de máscaras que lhes cobrem o rosto, mas também toda a cabeça.

“É tão grande atração quanto os cavaleiros mouros e cristãos. Conhecidos também como "Curucucús", por causa do som que emitem, são pessoas que se vestem com máscaras, roupas coloridas, luvas e botas. Mudam a voz ao falar e cobrem todo o corpo para que ninguém os reconheçam. Enfeitam seus cavalos com fitas, tecidos, plantas e tudo quanto a criatividade mandar. Tradicionalmente existem vários tipos. Os mais tradicionais são aqueles com máscara de cabeça de boi, seguindo pelos que usam máscaras de onça, máscara de homem, e mais recentemente apareceram aqueles com máscaras de borracha, com cara de monstro, destoando um pouco da originalidade da Festa. Mas isso não diminui a beleza e o entusiasmo dos Mascarados, que já no sábado saem às ruas à galope em algazarra. Pedem com vozes fanhosas cervejas e cigarros aos transeuntes e divertem a população com suas acrobacias e brincadeiras. Outro mascarado muito interessante é o São Caetano, chamado assim pois orna seu cavalo, escondendo-o, com ramas de Melãozinho de São Caetano, erva trepadeira muito comum, e folhas de bananeiras. Leva na cabeça uma máscara de homem, com um chifre reto na testa, e na mão uma cesta de frutas que atira para a platéia. Outro muito engraçado veste-se com um macacão extremamente grande de tecido de colchão que recheia com capim, ficando enormemente gordo, envolvem a cabeça com um pano preto onde pinta em branco a face de uma caveira. Não se sabe a origem destes personagens, que são encontrados em todas as cavalhadas do Brasil com diversas diferenças entre as cidades, provavelmente uma criação brasileira. Eles se fundem com os cristãos e mouros num trinômio perfeito. Representam o papel do povo e daqueles que não tem acesso a pompa dos cavaleiros, que representam socialmente a elite e o poder. São irônicos e debochados, fazendo críticas aos poderosos e ao sistema. E, ao contrário da rigidez dos Cavaleiros, entre os Mascarados não há regras, tudo é permitido, menos mostrar a cara”.

(<http://www.portaldodivino.hpgplus.com.br/Cavalhada/cavalhada.htm>) 27/04.

Os mascarados circulam por toda a cidade e nos intervalos das carreiras, durante as Cavalhadas. De acordo com alguns estudiosos (SALDANHA, 2003), eles representam o povo, já que os cavaleiros são apresentados como parte da elite na teatralização das Cavalhadas.

O quadro a seguir, de uma forma mais detalhada, mostra as principais características entre os cavaleiros e os mascarados.

CAVALEIROS	MASCARADOS
1) Usam fantasias-fardas, caras (veludo com aplicações em dourado e prateado). Montam cavalos finos e cuidadosamente arreados e enfeitados.	1) Usam fantasias-fardas, pobres na maior parte dos casos. Montam cavalos comuns e sem cuidado algum de arreatas.
2) Tem um número tradicional e restrito de participantes que se apresentam internamente hierarquizados: Rei (Sultão), Embaixador, cavaleiros, cerra-fila (o último cavaleiro). Constituem duas equipes que simbolizam dois exércitos.	2) Não possuem restrição de números (a idéia é que quanto mais, melhor), e não há absolutamente qualquer ordem ou hierarquia interna. Constituem bando e simbolizam multidão.
3) Criam um ritual solene, uma verdadeira solenidade (que começa com um desfile cívico e termina primeiro com um rito católico e depois com uma competição). Desempenham papéis ensaiados com grande antecedência. Possuem uma coreografia e discursos tradicionais. Atuam portanto dentro de pautas rituais fixas como nos ritos religiosos. Domínio do solene, do previsto e do drama.	3) Criam uma pantonima. Uma verdadeira “masquerade”. Não desempenham papéis definidos nem necessitam de ensaio (alguns resolvem ser mascarados na véspera). Não tem posições, nem uma coreografia nem discursos, porque não produzem um ritual coletivo sobre pautas tradicionais e formalizadas. Domínio de pantonima, do imprevisto (como um mascarado cair do seu cavalo), e de farsa.
4) Não usam máscaras mas apenas chapéus. Cobrem a cabeça e descobrem o rosto (ver como isto é comum nos rituais solenes). Tem discursos a fazer e uma história a representar simbolicamente.	4) Só em alguns casos possuem chapéus. Geralmente tem máscaras enfiadas pela cabeça. Não falam porque não tem nada a dizer. Não recriam uma história.
5) Sua atuação produz resultados: a rememoração das lutas de Carlos Magno e seus cavaleiros, durante os dois primeiros dias. O resultado dos jogos equestres do último dia. Em síntese, transportam simbolicamente o acontecimento histórico para o drama ritual.	5) Produzem uma atuação que não produz resultados. Fingem representar, mas não representam acontecimentos, e sim, outras representações. Fingem ser os cavaleiros que representam ser guerreiros mouros e cristãos. Em síntese, transportam simbolicamente o drama atual (dos cavaleiros) para a farsa. No terceiro dia fingem jogar com lanças, mas não jogam e não

	reproduzem vencedores e vencidos.
6) Ocupavam os momentos nucleares da Cavallhada. O tempo maior e essencial do drama é deles.	6) Ocupam os intervalos dos tempos dos cavaleiros. Entram no campo quando os cavaleiros estão “em seus castelos”, entre uma carreira e outra. Durante as carreiras ficam no espaço entre os palanques e o campo.
7) Sua atuação abrange várias formas dentro do ritual e do jogo. A banda toca para eles.	7) Atuam em forma única: galope-pantonima. A banda não toca durante a sua apresentação.

(BRANDÃO, 1982:).

Contexto Histórico das Cavallhadinhas

*“É porque minha vida parece
que foi mais cavallhada do que tudo”*

(João Luiz Pompeu de Pina)

Como foi descrito no histórico das Cavallhadas, retorna-se sempre às festas religiosas ligadas aos adultos. Jamais imaginei algo tão importante como a participação de crianças, sendo elas consideradas “as donas da festa”. A cidade de Pirenópolis mantém esta tradição tão firme e consolidada de sua identidade, com a realização da festa das Cavallhadinhas.

Pode-se dizer que a história das Cavallhadinhas é dividida em três fases: a primeira, que sempre aconteceu após a apresentação das Cavallhadas de uma maneira **informal**, a segunda, que seria **estruturada**, organizada por João Luiz Pompeu de Pina na Vila Matutina e, a terceira, quando se transforma em um **evento oficial** no calendário turístico da cidade de Pirenópolis.

Ao fazer a pesquisa de campo e com os depoimentos orais, percebi esta divisão histórica das Cavallhadinhas. As duas primeiras fases apresentam aspectos importantes da memória de infância dos moradores da cidade.

Desde o início das Cavalhadas, no qual situo como a primeira fase, depois de encerrada a festa era comum crianças saírem de suas casas para brincarem de Cavalhadinha, com cavalinhos de pau. A declaração de Pompeu de Pina e Sequinho, morador da cidade que já foi mascarado, justifica essa brincadeira que existia desde longa data:

“Nos nossos tempos de criança, nós brincávamos de cavalo de Cavalhadas nos quintais das bananeiras. Nós fazíamos nossas Cavalhadas. Todo quintal tinha. O líder de cada rua fazia suas Cavalhadinhas, né. Fazia seus cavalos de pau, isso vem de muitos anos, desde que iniciou a Cavalhada (...). Ah, nós corríamos muito Cavalhada. Nós fazíamos nos quintais da casa da vovó (...) era normal isso. São coisas que (...) é nós corria não como eles fazem hoje porque ela é bem organizada as carreiras certas. Nós não tínhamos as carreiras certas (...). Começava um gedeão tocando uma clarineta, batia uma caixa. Nós corríamos Cavalhada na casa de Tia Armênia com gedeão que era clarinetista e tocava alguma coisa pra gente” (PINA, Pompeu; 2004: 01, 03).

“Terminada a festa do Divino tradicional, aí começava as crianças ensaiar, brincar (...). Eu brinquei muito de cavaleirinho né. E a gente montado em cavalo de pau, aqueles cavalos de pau de qualquer jeito (Sequinho, 2004: 01).

Sequinho, em seu relato, faz uma busca de memória de sua infância e a compara com os dias de hoje. Resgatando um pouco a imagem das crianças, brincando de Cavalhadinha (figura 1), que foi apresentada na introdução desta dissertação, pode-se fazer várias descrições em seu contexto. Se hoje as crianças utilizam um cabo de vassoura e um saco de papel para ser a cabeça do cavalo, percebi que neste simples improvisado de hoje, tem um elemento simbólico muito forte. As crianças em vez de terem cavalinhos de paus mais sofisticados, utilizam igual aos tempos de antigamente. É esse o ponto importante de mostrar esta dinâmica da cultura. Apesar da industrialização e comercialização, algumas crianças da cidade de Pirenópolis brincam como no passado em que *“eu brinquei muito de cavaleirinho né. E a gente fazia montado em cavalo de pau, aqueles cavalos de pau de qualquer jeito, hoje não”* (Sequinho, 2004, 01) e que é demonstrado nesta imagem.

Diante destes depoimentos, percebe-se que no cotidiano das crianças de Pirenópolis, desde há muito tempo, foi utilizado a Cavalhadinha como brincadeira. Não era somente na cidade de Pirenópolis que tinham Cavalhadas, muitas outras cidades possuíam, como no Diário de Ana Joaquina, em que cita alguns relatos importantes das Cavalhadas de Vila Boa de Goiás, no início do século XX. Assim, pode-se perguntar: será que as crianças dessa época e nessa cidade também brincavam de Cavalhadinhas?

A importância da memória de infância destes entrevistados, que resgataram momentos das brincadeiras é algo que foi e é tão cotidiano na vida das crianças de Pirenópolis.

O segundo momento que chamo atenção é na segunda fase da história das Cavalhadinhas, ao se falar de João Luiz Pompeu de Pina. De acordo com o cronograma histórico dos imperadores das Cavalhadas, a maioria tem o nome da família Pina. Mesmo que a escolha dos imperadores seja um sorteio, notei a forte presença da família Pina nos acontecimentos culturais da cidade e assim, não podia ser diferente também nas Cavalhadinhas.

Não sendo diferente, o ex-cavaleiro João Luiz Pompeu de Pina quando adolescente por volta dos seus 13 anos, vendo que não podia brincar mais de Cavalhadinha e mesmo participando das Cavalhadas dos adultos, não deixou de organizar a festa pela conscientização da importância de preservar uma tradição tão rica. Assim, João Luiz Pompeu de Pina observou que *“a festa foi crescendo e durante a festa eu senti que os meninos estavam alijados da coisa porque ‘menino pra dentro’! ‘Cuidado com o cavalo’! ‘Olha o carro’! ‘Menino olha o foguete, olha’! E aí até revólver naquele tempo existia pela rua e tudo. Então poxa, esses meninos não têm direito a festa?* (PINA, João; 2004: 03).

A partir da década de 60, *“foi encenada no Largo do Asilo, no feriado de Corpus Christi, por meninos que vieram a ser cavaleiros mais tarde. Essa encenação*

repetiu-se todos anos mudando de lugar, mas não de data” (MOTTA, 2003: 113). Era uma festa das crianças e ainda não existia um interesse turístico. Esta era

“organizada que como eu falei pra ela desse senhor que já tem moça (...). Então, essa lá já foi organizada porque tinha aquela maneira de tratar os meninos como cavaleiros na hora de tomar um suco, fazer um refresco vermelho lá, com biscoito. Arrumava e soltava eles para o campinho. É lá onde é a rodoviária. E lá eu realizei a cavalhadinha que ele participou e antes a gente fazia no quintal. Porque desde criança bem pequeno, a gente arrumava dentro de casa, daí pro quintal do quintal pro largo. É quando eu fiquei grande, então falei bom, não dá pra mim correr no largo. Aí fiquei fazendo a dos meninos que já tem excavaleiro que já é quase avô, né. Já tem filha moça na hora de casar. Então continuava porque é bom a gente preservar essas coisas porque além de ensinar esse folclore a gente aproveita e fala de educação, fala da sociedade (PINA, João. 2004: 02).

Com essas apresentações, as Cavalhadinhas dos anos 60 aos 80 foram crescendo cada vez mais. Chegou um momento que, de acordo com o Itamar Gonçalves, por iniciativa, as próprias crianças queriam formalizar as suas brincadeiras em uma festa oficial. Deste modo, João Luiz Pompeu de Pina passou a ensaiar as crianças da Vila Matutina, Suelene ficou encarregada dos ensaios das meninas e Itamar articulando a comunidade. Em 1989 foi realizada a primeira festa das Cavalhadinhas dentro do calendário oficial de eventos culturais da cidade. A respeito do apoio da Secretária de Cultura nas Cavalhadinhas,

“desde que começou por exemplo, no meu caso, eles ligam o som, a água tudo é na minha casa, lá é a base. Porque ela é em frente ao grêmio lá do campo né. Então tudo é lá em casa e minha mulher (...), mas Suelene começou a fazer essa coreografia de abertura das Cavalhadinhas entendeu. Ela começou a ensaiar os meninos, inclusive os outros grupos folclóricos. Aí veio o Taquinho fez, começou a incrementar mais o reinado né, e com a ajuda de outras mulheres do bairro fizeram as procissões tal, então hoje tem uma mini-festa do Divino Lá na ocasião dos Corpus Christi” (Itamar, 2004: 02).

A Prefeitura de Pirenópolis fornece o apoio logístico para a construção dos camarotes, arquibancadas, divulgação dos eventos, etc... Com a iniciativa das crianças, na realização das Cavalhadinhas, a festa foi crescendo e a cada ano as comemorações ficam a cargo dos Imperadores do “Divininho”. Apresento a seguir, a relação dos imperadores por cada ano, a partir de 1989:

1989 – Benedito Fernandes de Souza.

1990 – Sílio de Aquino.

1991 – Armando Peixoto Moreira.

1992 – Paulo Victor Lobo.

1993 – José Amaro Marques.

1994 – Alderico Filho.

1995 – José Amaro Marques.

1996 – Aché Ananda dos Santos.

1997 – Jean Carlos Batista.

1998 – Maikon Douglas.

1999 – Jean Carlos Batista.

2000 – José Nilton Oliveira Filho.

2001 – Marcos Vinicius Batista.

2002 – Diogo Oliveira Lopes.

2003 – Mateus Marques Ferreira.

2004 – Rafael Messias de Oliveira.

Nas Cavalhadinhas, há 08 cavaleiros cristãos e 08 cavaleiros mouros. Estes se vestem de acordo com as cores representadas pelas Cavalhadas dos adultos. Não há como quantificar o total dos mascarados que participam, pois muitas crianças se vestem e participam pelas redondezas da festa.

Além da participação das crianças nas Cavalhadinhas, detectam-se outros elementos significativos que além de grupos folclóricos como as pastorinhas, os

mascarados, os grupos de catira e muitos outros, em uma festa do Divino Espírito Santo, está inserida como nas Cavalhadas dos adultos a festa dos santos pretos com seus reinados e juizados. Nas Cavalhadinhas, há forte presença de meninos que aprendem a tocar na banda de Couro.

Esta foi apresentada desde 1814 nas Cavalhadas no cortejo das Alvoradas. *“Era a orquestra dos negros para louvar Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito. Formada por meninos, após as novenas e pela manhã ela saía pelas ruas acompanhadas por populares, ao ritmo alegre de suas caixas, tambores e de uma clarineta tocando “Mariquinha Muchacha” e “Vem cá, Bitu” (BRANDÃO, 1978: 07).*

Desde o início das Cavalhadinhas houve a participação da Banda de Couro e sempre as crianças fazendo parte, como uma forma de aprender as tradições da festa do Divino Espírito Santo.

A idade de crianças que podem participar das Cavalhadinhas, de acordo com os entrevistados, corresponde de 06 a 12 anos. Existem muitos casos de crianças menores de 06 anos e maiores de 12 anos que ainda participam, mas somente como mascarados.

A Festa é na Vila

A Vila Matutina é um bairro localizado um pouco distante do centro histórico. A maioria de suas casas não possuem o estilo colonial. Basicamente, é um lugar em que residem somente moradores de Pirenópolis. O principal valor simbólico que este bairro possui é a realização das Cavalhadinhas.

Com a articulação de toda a comunidade na realização das Cavalhadinhas, nos quase dez anos de existência, todas as crianças que participavam eram somente aquelas que residiam na Vila Matutina, e isto passou a criar uma instabilidade das crianças que

residiam em outros bairros de Pirenópolis. Elas queriam participar mas não podiam, era algo muito fechado.

Os Imperadores, os cavaleiros, os mascarado e as pastorinhas eram todos da Vila Matutina e os outros bairros, que possuem um poder econômico mais elevado, queriam retirar a todo custo as Cavalhadinhas da Vila e realizar a festa em outros bairros. Depois de muitas brigas e discussões, houve uma mobilização muito forte da comunidade local da Vila Matutina em permitir que crianças de outros bairros participassem da festa, mas com a condição de que jamais fosse mudado o local da encenação.

Notei o sentimento de tradição que existe no local, no caso do Larginho do Rosário. João Luiz Pompeu de Pina salienta que

“Já fomos convidados para comer uma farofa que é coisa típica dos cavaleiros fora da Vila, mas não aceitamos, que a festa é na Vila. Sair de Pirenópolis para ir na festa né, saindo da Vila, você sai da festa. Então aí senti aquilo, que a Cavallhada foi sempre composta por cidadãos da cidade e de todos os níveis. Eu acho importante é uma convivência muito boa né que ainda tem (...). Só que eu achava que tinha que ter essa parte também social, não só de cobrança. Então essa festa proporciona isso (...). Então vem a criança lá do Alto do Bonfim que é um bairro distante que vem sair de mascarado aí, né. Tem as meninas que se vestem de virgens na Procissão do cortejo do Imperador, que recebem as Verônicas que são aqueles docinhos de açúcar que nós fazemos” (PINA, João. 2004: 03-04).

Verifica-se como um local que contém diversos significados e simbolismos. O Larginho do Rosário, na Vila Matutina, tornou-se um símbolo de poder e estatus social para aqueles moradores. É uma afirmação de identidade local, de ter um espaço ligado ao tempo e a memória como referência de notoriedade.

Deparamo-nos nas tensões aqui assumidas pela comunidade da Vila Matutitina e de outros bairros da cidade de Pirenópolis: entre desterritorialização e reterritorialização, ou seja,

“a perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas” (CANCLINI, 2000: 309).

Apesar de muitas resistências e tensões, a festa das Cavalhadinhas continua no seu local de origem, mas rompeu-se o “limite geográfico” e outras crianças de outros bairros podem participar. *“Hoje todas as culturas são de fronteira. (...) Assim, as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento”* (CANCLINI, 2000: 348).

A Invenção da Tradição nas Cavalhadinhas

As Cavalhadas e as Cavalhadinhas apresentam características de “tradições inventadas”. O historiador Eric Hobsbawn utiliza este termo, mesmo que em alguns casos seja até mesmo um passado recente.

Ao falar de tradição, remete-se em continuidade com relação a um passado. Muitas mudanças ocorrem nestas tradições, mas não ameaçam a continuidade, ou seja, *“ambas as concepções de “incremento de festa” e mudanças nas tradições”, deve-se deixar aqui claro, são extremamente circunstanciais, e entram em jogo de acordo com os interesses particulares das pessoas que as expressam”* (PORTO, 1997: 19).

Deve-se lembrar que o conceito de tradição é derivado da noção latina de *traditio*, que é aquilo que se transmite de geração a geração. A tradição sempre está

ligada ao passado, o remoto e o recente. Assim, isto está ligado diretamente como um patrimônio cultural do grupo.

A tradição apresenta duas características:

“ser simultaneamente, flexível o suficiente para conseguir responder às modificações inevitavelmente ocorridas no grupo, e capaz de manter uma idéia de continuidade que sustente o vínculo do presente com o passado. (...) Para que a tradição possa apresentar um caráter dinâmico e contextualizado, é necessário que (...) se reconheça que as tradições estão constantemente sujeitas as mudanças, a reinterpretações, desde o momento em que surgem – sejam elas impostas ou não” (PORTO, 1997: 21).

As Cavalhadinhas de Pirenópolis, que iniciaram em 1989, já tiveram grandes mudanças nas indumentárias dos cavaleiros e nas máscaras dos mascarados, conforme mostrarei a seguir. A respeito dessas mudanças na tradição e costume, Hobsbawn argumenta que

“a tradição neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do ‘costume’, vigente nas sociedades ditas ‘tradicionais’, O objetivo e a característica das ‘tradições’, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O ‘costume’, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme expresso na história” (HOBSBAWN, RANGER, 1984: 10).

A cultura é dinâmica, não tem como se congelar e evitar as mudanças. HOBSBAWN aponta da tradição em se tornar um instrumento de conquista e dominação. Neste caso, o antropólogo Roque de Barros Laraia, argumenta:

“cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir”(LARAIA, 2000:105).

No caso das Cavalhadinhas, mesmo que a iniciativa seja das crianças, esta festa não foi uma coisa imposta, é uma “tradição inventada” que teve vínculo com o próprio passado das crianças, e isso forneceu credibilidade. É uma retomada de antigas tradições.

Outro ponto importante é a relação da memória com a tradição. Esta última é algo vivo, que tem suas origens no passado mas existe ainda no presente; a memória é uma lembrança do passado. Ambas se fundamentam, *“em que se estabelece o que se entende como representando a continuidade com relação ao passado, - e ao mesmo tempo a tradição interfere na memória, em seus conteúdos e na forma que adota o presente”*(PORTO, 1997:44).

As Cavalhadas e as Cavalhadinhas têm suas origens em uma “tradição inventada” que é vinculada a uma tradição da colonização portuguesa. As Cavalhadinhas, com o apoio da população, são a visão do passado da infância de Pirenópolis que foi construída a partir do presente.

A afirmação da identidade e da sociabilidade também está presente na tradição. *“É uma identidade cultural e também naquela certeza de que isso não vai acabar, né. Porque tem coisa que aparece aqui e desaparece né. E essa não, tá viva aí, acesa e eles elegendem o festeiro, tiram sorte do festeiro, tira tudo”* (PINA, Pompeu. 2004: 03).

Os entrevistados têm uma clara noção da “tradição inventada”. Sequinho argumenta que “*virou tradição as Cavalhadinhas*” (2004: 01). A própria população utiliza estes termos de tradição e identidade e ampliam esta noção. Compreende-se que através do contato direto com estas pessoas, elas já trazem uma experiência de longa data e que, muitas vezes, os teóricos utilizam termos que há muito tempo são utilizados por estas comunidades. Assim, é o grande mérito de uma pesquisa. Para entender as noções de cultura, tradição e identidade, estes conceitos estão presentes na vida cotidiana das pessoas.

As Cavalhadinhas são uma tradição que se mantém em Pirenópolis, por causa da continuidade

“que é a integração da sociedade está no feitio da festa e fica fácil quando eles ficarem adultos, de você já adaptá-los a que já vem com aquilo dentro da alma, já faz parte da alma da criança, faz parte da cidade. Por isso, quando nós reportamos aí que existe infinitudes de Cavalhadas no Brasil todo, mas a única Cavalhada viva é a nossa. É viva por que? Porque é uma continuidade da sociedade, é um mundo. O sujeito vive a Cavalhada” (PINA, Pompeu. 2004: 02).

Os argumentos de Eric Hobsbawn, mencionado anteriormente, e ainda de seus colaboradores, sofreram severas críticas de pesquisadores tais como: Anthony Giddens, J. P. Radford, Stephen Bann, Carl Friedrich e Henri Hatzfeld.

Algumas considerações são muito relevantes, por exemplo, para BANN: “*a ‘tradição’ incorpora uma espécie de falsa consciênica. Ela foi ‘inventada’, no sentido pejorativo do termo, quer dizer, saiu do nada para servir a propósitos estritamente funcionais*” (BANN, 1994: 02).

Assim, como Carlos Eduardo Santos Maia, em seu artigo: *A Tradição Cavalheiresca em Pirenópolis*, concorda com as críticas relevantes de BANN, no qual “*a implantação das Cavalhadas, sua mudança na indumentária, a futura construção de*

um 'Cavalcódromo' são 'tradições inventadas' e, por isso, servem a determinados propósitos funcionais da 'superestrutura', é ter uma visão simplista da Festa como fenômeno” (MAIA, 2001: 146). Pode-se assim comparar as Cavalhadinhas como um evento turístico, e nas transformações de suas indumentárias.

Um dos aspectos importantes é quando se fala nos argumentos apontados por Hatzfeld, no qual este acredita que a tradição possui seus “guardiães” oficiais. Nas Cavalhadinhas de Pirenópolis, como foi exposto nesta dissertação, João Luiz Pompeu de Pina é um deles, ou seja, um antigo participante das Cavalhadas que ainda opina na organização da Festa das crianças, exercendo um poder de influência na comunidade da Vila Matutina, mas com alguns conflitos. *“Quase sempre, sendo solucionados ou não, influenciam no modo como os participantes elaboram a tradição à maneira de compreensão do 'mundo festivo', tal qual temos dito” (MAIA, 2001: 148).*

As Transformações das Indumentárias dos Cavaleirinhos

Com o processo da dinâmica da cultura nas Cavalhadinhas, houve uma grande mudança ao longo dos anos. De acordo com a divisão destas por fases, percebem-se as modificações ocorridas nos trajes dos cavaleirinhos.

Quando as Cavalhadinhas de Pirenópolis eram brincadeiras da vida cotidiana das crianças, estas utilizavam cavalinhos de pau nada sofisticados, sendo apenas um cabo de vassoura.

Nas décadas de 60 a 80, aproximadamente, João Luiz Pompeu de Pina fazia as Cavalhadinhas para as crianças como descrito anteriormente. Percebe-se uma tradição que foi utilizada nas primeiras Cavalhadinhas da terceira fase, quando esta se torna

oficial. Neste período, João Luiz lembra que as roupas eram feitas de papéis coloridos e seus bordados de papel de cigarros. (figura 21) . Em que

“antes dessa festinha, porque agora já tinha as facilidades né. Já tinha as coisas na mão, mas antes naquela outra desse cara lá, por exemplo, haviam outros vizinhos meus que participaram lá. Essa catava papéis de cigarros na porta dos bares da cidade, nos anos 70. (...) Aí, meu pai tinha uma loja e arrumava o papel de seda, cordão, cola. Fazia grude, né.(...) Colávamos o algodão, recortava o papel em forma de estrela, de lua, meia lua. As coisas que tem na própria Cavalhada. Aí fazia a roupinha né, bem ah mais ficava uma beleza” (PINA, João Luiz.; 2004: 06-07).

Essa forma de fazer as roupas dos Cavaleirinhos foi usada até alguns anos depois de 1989, ano em que a festa foi oficializada. Assim, não houve mais a necessidade das crianças juntarem os papéis de cigarros para fazer os bordados de suas roupas, mas está presente a continuidade da tradição das roupas antigas.

Com o decorrer dos anos, a festa começa a ser descoberta pelos turistas e os pais dos cavaleirinhos se sentindo honrados por este mérito, começam a incrementar na elaboração das roupas não mais com papéis, mas com tecidos vermelhos e azuis, mudando-se todos os materiais. Até 1993, aproximadamente, houve uma incorporação de dois tipos de materiais, pano e papel (figura 22). Não há uma padronização dos trajes, cada criança veste um diferente do outro.

O importante a salientar é que apesar de todas as modificações, mantém-se a representação de um cavaleiro. Nos primeiros anos oficiais das Cavahadinhas era algo muito informal, sem muita rigidez no controle dos trajes como um todo. Vê-se que alguns meninos estão de botas e outros de tênis.



Figura 21 – **Os trajes dos cavaleirinhos nas Cavalladinhas.** Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1989.

Outro aspecto que Sr. João Luiz Pompeu de Pina esclarece sobre os trajes dos cavaleiros, em que *“começaram então a colocar coisas para as crianças que os adultos estavam usando. Igual a um chapelão. Mouro nunca usou chapéu, ainda mais os meninos, ficaram descaracterizados”* (PINA, João; 2004: 06).

Não foram só as roupas das crianças que tiveram mudanças no decorrer dos anos, mas também as Cavalladas dos adultos. Antes se usavam roupas de farda, estilo militar, atualmente é completamente diferente com o uso de capas, dentre outros aspectos.



Figura 22 – **Diversidade de materiais nas roupas dos cavaleirinhos nas Cavalhadinhas.** Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.

No ano de 2004, observei a luxuosidade das indumentárias dos cavaleirinhos , sendo substituído o algodão por plumas, rendas e lantejoulas (figuras 23). Os cavalinhos de pau também foram modificados, sendo utilizadas também plumas, rendas e lantejoulas, mas os guizos sempre permaneceram (figura 24).



Figura 23 – **Roupas dos cavaleirinhos cristãos.** Autor: Fernanda Adamski da Silva. Pirenópolis, 2004.



Figura 24 – **Detalhes do cavalinho de pau do Rei Mouro.** Autor: Fernanda Adamski da Silva. Pirenópolis, 2004.

Mascaradinhos Industrializados?

As máscaras tradicionais usadas durante as Cavalhadas e agora nas Cavalhadinhas pelos mascaradinhos, são feitas artesanalmente de papel representando cabeças de boi, onças, capetas, unicórnios, etc. Nos últimos anos, nas Cavalhadinhas têm se verificado

“o aumento do número de máscaras industrializadas feitas em borracha representando monstros e figuras oriundas de desenhos animados (figura 25). A justificativa para tal ocorrência é o custo mais barato das máscaras industrializadas. A proliferação do uso das máscaras industrializadas, vêm desestimulando o esmero na confecção das fantasias comprometendo o aspecto tradicional da festa” (IPHAN, 2001. Texto avulso).

Partindo da preocupação em preservar a tradição, o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), através do Escritório Técnico de Pirenópolis, realizou um concurso: “Patrimônio Imaterial – Uma proposta de incentivo à tradição”, com colaboradores como a Prefeitura Municipal de Pirenópolis, Secretaria de Cultura e Turismo, Secretaria Municipal de Educação e comerciantes com estabelecimentos na Vila Matutina.

Este concurso foi divulgado através de cartazes e de sistema de som, durante quinze dias antes das Cavalhadinhas do ano de 2001, como uma ação educativa patrimonial para resgatar o uso tradicional das máscaras. Todo participante que fosse encenar de mascarado e quisesse aderir ao movimento, teria que trocar sua máscara de borracha ou de pano e assim, concorrer na premiação de caracterização que privilegiasse o tradicional e se destacasse na elaboração da fantasia. Os prêmios foram para os três melhores mascaradinhos. Como premiação, cada um deles recebeu dinheiro, livros, e chocolates.

Depois de realizado o concurso “*Patrimônio Imaterial – Uma proposta de incentivo à tradição*”, o IPHAN recolheu todas as máscaras de látex, durante as Cavalhadinhas do ano de 2001 e fez a doação para o bloco carnavalesco de Pirenópolis, chamado *Bloco Urgente Reciclar*.

As máscaras doadas ao bloco, foram utilizadas como moldes para confecções de novas máscaras, seguindo a tradição das máscaras oficiais da Festa do Divino, que são feitas de papel, cola e tinta. Participaram deste concurso um total de 51 crianças, com idades variadas de 04 a 15 anos.



Figura 25 – Interferência de máscaras carnavalescas nos mascarados participantes das Cavalhadinhas. Acervo particular João Luiz Pompeu de Pina. Pirenópolis, 1991.

Não só nas Cavalhadinhas das crianças, mas também nas Cavalhadas dos adultos existe uma preocupação permanente entre conservar e transformar, fazendo com que principalmente a educação patrimonial centralize seus esforços no aprendizado do

público mais jovem, que cresça ainda mais forte o sentimento de manter e preservar a tradição.

Apesar do IPHAN realizar um concurso com a preocupação de preservar a tradição, alguns aspectos importantes devem ser apontados. De acordo, com Hatzfeld:

“...A tradição não pode deixar de mudar. Por isso podemos interpretar o mesmo fenômeno de duas maneiras diferentes. Ou a tradição é frágil, o que constitui um perigo para o grupo social interessado: é necessário reforçá-la, e para isso (...), acaba-se, entre outras medidas, por confiar a homens especiais o cuidado de a vigiar e proteger. Ou, outra interpretação: a tradição muda e, seja qual for essa mudança, é a certeza de que as sociedades humanas não ficarão fechadas em tradições imóveis (...). Nada prova que a mudança seja sempre positiva. Nada garante que ela se oriente no sentido do progresso. Mas fica aberta a possibilidade de adaptação a condições diferentes...” (HATZFELD, 1993: 60).

Quando o referido autor declara “confiar a homens especiais”, neste caso se coloca o papel do IPHAN, mas que de uma certa maneira há uma imposição deste órgão para a utilização de máscaras tradicionais. Esta autor, mostra que a tradição de usar máscaras de vários materiais é uma adaptação da cultura, e neste caso, é preciso relativizar esta posição autoritária em concursos educativos.



Cavaleiro Cristão e Pastorinhas. Pirenópolis, 2002.

CAPÍTULO III - Uma Perspectiva Comparativa entre as Cavalhadas e as Cavalhadinhas

As Cavalhadinhas Performam os Mesmos Rituais das Cavalhadas?

Neste capítulo, mostrarei as semelhanças e diferenças significativas entre as Cavalhadas dos adultos e das crianças. A descrição feita no primeiro capítulo ajuda a demonstrar bem isso. Nesta primeira parte irei focar o objetivo desta pesquisa, que é se as Cavalhadinhas são uma imitação ou recriação das Cavalhadas dos adultos.

De acordo com o *Dicionário Brasileiro*, imitar é “*reproduzir ou procurar reproduzir exatamente (o que outrem fez); tomar por modelo, seguir como norma; reproduzir, repetir, arremedar; procurar assimilar e reproduzir o estilo a maneira de (um escritor, um artista): imitar os clássicos*” (FERNANDES, 1999). Já a palavra recriar, tem seu sentido de “*criar novamente*”.

Apesar de ser uma festa, as Cavalhadinhas têm características de jogos. Assim, ocupou lugar de destaque em muitas culturas. “*Segundo Huizinga (1996), na sociedade antiga, o trabalho não tinha o valor que lhe atribuímos há pouco mais de um século e nem ocupava tanto tempo do dia. Os jogos e os divertimentos eram um dos principais meios de que dispunha a sociedade para estreitar seus laços coletivos e se sentir unida. Isso se aplicava a quase todos os jogos, e esse papel social era evidenciado principalmente em virtude da realização das grandes sazonais*” (VOLPATO, 2002:218).

Tanto adultos como crianças e jovens no século XVIII, participavam conjuntamente das festas, cultos, rituais e tarefas diárias. Não haviam distinções das crianças, dos jovens e estes dos adultos. Estes grupos eram claros em suas diferenciações.

Os brinquedos “*são fabricados para ‘ensinar’ comportamentos, gestos, atitudes, valores, considerados ‘corretos’ em nossa sociedade*” (VOLPATO, 2002: 220). Além

disso, “*para Brougère (1997, p. 63), o brinquedo é a ‘materialização de um projeto adulto destinado às crianças (portanto vetor cultural e social) e que tais objetos são reconhecidos como propriedade da criança, oferecendo-lhe a possibilidade de usá-los conforme a sua vontade, no âmbito de um controle adulto limitado’*” (VOLPATO, 2002:221).

Com o avanço do capitalismo, a sociedade ficou altamente consumista e permaneceu refém da violência do dia-a-dia. Não sendo diferente, os brinquedos e os jogos refletem o que está acontecendo no mundo. Jogos de extrema violência e com novos heróis, se proliferam em todas as partes e assim, se cria uma massificação dos comportamentos das crianças.

Nem tudo, pode ser considerado para todas as crianças. Existem diferenças de comportamentos e no caso as crianças de Pirenópolis se destacam por isso, por brincarem de Cavalhadinhas. A vida cotidiana delas não é somente de carrinhos, jogos de futebol, mas também em serem cavaleiros e mascarados. Apesar da interferência da indústria cultural, elas valorizam a tradição e a cultura de Pirenópolis. Como diz Pompeu de Pina, elas brincam com os heróis das Cavalhadas. Neste sentido, “*na educação infantil que as crianças se apropriam dos elementos culturais dos adultos, internalizando, reproduzindo e reinventando gestos, modos de andar, de falar, de sentir, de ser. Porém ‘as crianças não apenas imitam os outros, mas representam e reelaboram o mundo, desenvolvendo com isso, ao brincarem uma forma de conhecimento conceitual’ (VAZ, 2000, p.3)*” (VOLPATO, 2002: 222).

As Cavalhadinhas podem ser consideradas como uma recriação das Cavalhadas, por vários motivos. Como foi descrito no decorrer desta monografia, muitas diferenças ocorrem entre as festas dos adultos e das crianças, mas as crianças recriam a festa por ser uma “tradição inventada” das Cavalhadas.

Primeiramente, a festa dos adultos compreende um total de doze dias enquanto a das crianças apenas três dias. Basicamente, há inúmeras Folias do Divino para o

Imperador captar recursos financeiros para a realização da festa. As crianças fazem a festa em um curto período de tempo e, a proporção da luxuosidade, é bem menor do que a dos adultos.

Não só pelo fato de tempo, mas também em relação à fé. A festa está ligada diretamente ao Divino Espírito Santo, que representa o pai, o filho e espírito, buscando uma afirmação de devoção dos cristãos, e pode-se perguntar: as crianças compreendem este aspecto religioso da festa?

Nas Cavalhadas dos adultos, as missas são realizadas na Matriz de Nossa Senhora do Rosário e a das crianças na Gruta de Nossa Senhora de Fátima. De acordo com alguns vídeos utilizados para análise, percebi que muitas crianças durante a procissão e na gruta, rezam o Pai Nosso e a Ave Maria fielmente, mas muitas outras com idades entre 03 a 06 anos repetem sem ter noção do que estão fazendo. Muitas crianças se preocupam mais com a parte profana da festa (principalmente os meninos), que são as Cavalhadinhas.

Crianças com idades inferiores ao permitido na festa, 06 anos, participam também da festa.. As crianças que já fizeram a primeira Eucaristia, por exemplo, já possuem uma noção sobre religião. Isto coloca em questão a interferência da Igreja Católica na festa das Cavalhadinhas e do “Divininho”. Não apenas a das crianças que sofreram restrições, mas nas Cavalhadas dos adultos também.

Um dos pontos que causou muitos problemas na realização das Cavalhadinhas, foi a Igreja Católica de Pirenópolis, que proibiu a participação de algumas crianças. Assim, João Luiz Pompeu de Pina comenta que

“nós pregamos a união entre os companheiros né, o respeito essas coisa, mas não tem. Aliás chegou uma época que um próprio pretendo cavaleiro. O pretendente a cavaleiro: ‘é eu não posso que o padre falou se eu sair na Cavalhadinha lá, eu

não posso ser coroinha'. Isso não foi de nenhuma outra foi a própria Católica né, mas não é possível, não porque a festinha lá não tem padre. Então é uma coisa meio aleatória. Então não sei se foi isso, quer dizer o menino ficou assustado, o sonho dele era correr nas Cavalhadinhas, deixou de correr porque se não ele não ia ser coroinha” (PINA, João Luiz; 2004: 20).

Este é um dos problemas na realização das Cavalhadinhas. Outras Igrejas, como as Evangélicas, não impedem das crianças participarem. Então, fica complicada esta questão pois esta festa além de manter viva a tradição das Cavalhadas, tem como ensino preservar e fazer com que as crianças descubram a importância da religiosidade.

Apesar da interferência da Igreja na festa, **as crianças recriam as Cavalhadinhas**, pois nas Cavalhadas dos adultos a bênção dos cavaleiros Mouros é efetuada pelo padre da cidade, e as crianças não tendo um clérigo, colocam um menino representando este papel.

Durante as Cavalhadas dos adultos e das crianças, são apresentados números diferentes de cavaleiros, a primeira possui 24 cavaleiros (12 para cada lado entre cristãos e mouros), e na segunda apenas 16 cavaleirinhos. Como diz o depoente João Luiz Pompeu de Pina, este número reduzido é resultado direto pelas dimensões do campo, por ser menor. Percebe-se nesta diferença, que este argumento afirma a noção do problema envolvido neste capítulo. Se fosse mesmo uma imitação, o número de crianças seria o mesmo que a dos adultos, e não pelo tamanho do espaço onde é realizado.

O Sr. João Luiz, “inventou” a **Corrida de dois**, nas carreiras do primeiro dia da festa das Cavalhadinhas. Esta carreira só é apresentada na festa das crianças. Durante toda a festa das Cavalhadas, há o festival do chope, em que cavaleiros e mascarados utilizam bebidas alcóolicas, como em um “ritual”. Sabendo que por serem muito pequenos e não podendo utilizar deste tipo de bebida, as crianças e até mesmo os organizadores da festa, criaram o festival do geladinho. É um suco de frutas congelado,

que antigamente foi usado durante a chegada das procissões, na casa do Rei por exemplo, na festa do Divino das crianças. Deste modo, são inventadas novas tradições nas Cavalhadinhas e estas passam a se tornar um aspecto importante em que as crianças recriaram a festa ao seu modo.

A comunidade pirenopolina, acredita que a única diferença entre as Cavalhadas dos adultos e a das crianças é apenas o uso de cavalinhos de pau. Aqui, demonstrei que não é apenas um objeto, mas há vários elementos que diferenciam entre elas.

Algumas crianças não tendo cavalinhos de pau para brincarem nas Cavalhadinhas, constroem seus próprios brinquedos, simbolizados apenas por um cabo de vassoura, um cavalo de pau e assim por diante. A criatividade delas ultrapassa esta imitação até mesmo da festa, pois *“nesse processo, há também uma reelaboração pelas próprias crianças dos elementos de seu patrimônio cultural. (grifo meu) Mesmo dizendo que as crianças geralmente agem incorporando normas e padrões de comportamentos, a partir dos elementos simbólicos que a sociedade lhes impõe, existem mudanças e contradições”* (VOLPATO, 2002: 224).

A tabela a seguir, apresenta comparações que podem ser feitas entre as Cavalhadas dos adultos e das crianças.

Cavalhadas	Cavalhadinhas
1) Possuem 12 cavaleiros cristãos e 12 mouros.	1) Possuem 08 cavaleiros cristãos e 08 mouros.
2) Possuem 12 dias de festa, incluindo: novenas, procissões, folias, reinados, mascarados, pastorinhas, etc.	2) Possuem 03 dias de festa, sendo que um dia antes das Cavalhadinhas acontece a farofadinha, acontecendo novenas, procissões e outros, apenas em um período bastante resumido.
3) Utilizam animais equestres para a apresentação, incluindo cavaleiros e mascarados.	3) Utilizam cavalos de pau, tanto para cavaleirinhos como para os “mascaradinhos”.
4) Dentro da encenação da festa acontece o festival do chope.	4) Dentro da encenação acontece o festival do geladinho (suco de frutas gelado).

5) A escolha do Imperador acontece nos primeiros dias da festa do Divino Espírito Santo.	5) No último dia das Cavalhadinhas é escolhido o novo Imperador do Divino para a próxima festa.
6) As missas são realizadas na Igreja da Matriz do Rosário.	6) As orações são realizadas na gruta de Nossa Senhora de Fátima, na Vila Matutina.
7) Não existe a carreira Corrida de dois.	7) Foi criada a carreira Corrida de dois, por João Luiz.

Relações Etárias e de Gênero: Os Meninos, As Meninas

Durante todo o decorrer da festa das Cavalhadinhas, pude perceber uma série de casos relacionados, o que é permitido para as meninas e para os meninos, ou seja, quais os papéis que cada um assume. Neste sentido, pode também ser estudada a característica da concepção moderna de infância e adolescência. Deste modo,

“Benedict (1928) aponta que nossa cultura é distinta por causa dos moldes descontínuos entre o comportamento exigido das crianças e dos adultos: as crianças ‘brincam’ e não têm responsabilidade, enquanto os adultos trabalham e têm responsabilidade. A criança deve ser obediente e o adulto dominante. Ela deve ser assexuada enquanto o adulto deve ser sexualmente competente. Em poucas culturas, afirma Benedict, exige-se que as crianças aprendam comportamentos estabelecidos como apropriados para elas que são o reverso dos padrões requeridos quando elas crescem e se tornam adultas (Skolnick, 1975). (...) Enquanto nas sociedades industriais trabalho é coisa de adulto e brincadeira é coisa de criança, em várias sociedades não-ocidentais ou primitivas, trabalho e brincadeira são coisas de adultos e crianças” (SANTOS, Benedito; 1996: 154).

Manuel Ferreira Lima Filho (1994), em seu livro *Hetohoky um rito Karajá*, por exemplo, apresentou uma análise que pode ser efetuada nos elementos coletados por mim, nesta pesquisa na cidade de Pirenópolis. Segundo o autor, trata-se de uma análise antropológica dos ritos de passagem que faz de meninos Karajá, homens.

Em relação aos meninos Karajá, por exemplo, ele

“sai do restrito espaço doméstico e começa a ocupar gradativamente categorias de idade relacionadas simbolicamente com maior movimento, cujo ápice pode ser o mérito de viajar até a aldeia do céu: ser um biu hãri. (...) Passando por sucessivas categorias de idade, os homens saem simbolicamente da água, permanecem num duplo ambiente água/terra – quando chegam a ser jyre – e com a velhice atingem dois pontos: ou se tornam hãri, donos do movimento, da chuva e viajantes cósmicos, podendo chegar até a aldeia celeste, ou retornam para a aldeia dos mortos, relacionada compouco movimento e sem espaço” (LIMA FILHO, 1994: 163).

Argumenta Benedito Rodrigues dos Santos, em sua dissertação *A Emergência da Concepção Moderna de Infância e Adolescência*, que na sociedade Ocidental, houve uma eliminação progressiva sobre a iniciação ritualizada da criança na vida adulta (SANTOS, 1996). Como acontece nas sociedades indígenas com os Karajá (LIMA FILHO, 1994), para que um jovem seja reconhecido com privilégios e responsabilidades de sua posição na cultura, deve-se submeter a um ritual institucionalizado (SANTOS, 1996).

Nesta pesquisa, percebem-se também estes rituais de passagem tanto para as meninas como para os meninos, para participarem da vida adulta das Cavalhadas.

Os ritos de passagem *“cumprem um importante papel na fixação formal e clara de quando ocorre a mudança de estado da infância para o estado adulto, e são fundamentais para a construção da identidade do novo homem jovem. Sua ausência ou diluição, ou ainda sua mera formailidade legalista nas sociedades modernas, associadas à falta de modelos e a indefinição de papéis claros, provocam uma dificuldade de identificação da criança contribuindo para produzir naquelas na época de se tornar adultas uma fase de transição e conflito”* (SANTOS, Benedito; 1996: 155).

Existem os três primeiros ciclos da vida que são a infância, a adolescência e a juventude, que são as etapas de transição. Assim, as Cavalhadinhas correspondem à estes ciclos da vida das crianças de Pirenópolis. De acordo com dados colhidos na pesquisa, a faixa etária das crianças que participam compreende de 06 a 12 anos de idade, mas durante as apresentações há participantes com idades inferiores e superiores, que integram este conjunto.

As Cavalhadinhas são uma condição de transitoriedade da passagem da infância para a adolescência, quando as crianças atingem seus 12 anos de idade e não podem mais participar.

Não só os meninos podem ser mencionados neste aspecto, mas também as meninas se diferenciam em alguns detalhes. Elas participam tanto das Cavalhadas dos adultos como das Cavalhadinhas. Elas representam as virgens na procissão do Divino, e as pastorinhas em ambas as festas, na qual *“para a cerimônia de cortejo do imperador, no domingo, anunciavam-se centenas de meninas vestidas de branco com oferta de pães e verônicas para elas, na sua casa. Depois das cerimônias, havia uma procissão à tarde, conduzindo o imperador até a igreja, cercado por um quadro, segurado nas extremidades por virgens de branco. Após a procissão, dava-se a posse do novo imperador”* (SILVA, 2001: 41). As adolescentes com idades acima de 14 anos, são designadas a participarem das danças de catira e de serem as porta-bandeiras.

No caso aqui exposto, em relação às meninas, estas a meu ver ainda se diferem dos meninos, pois assumem papéis iguais mutuamente, não necessitando deste ritual de passagem para participar das Cavalhadas, igual ao dos meninos.

Juninho, um ex-cavaleirinho que participou desde 1991 das Cavalhadinhas e hoje possui 13 anos de idade, ao ser perguntado se ele participaria das Cavalhadas dos adultos, respondeu:

“Juninho: Pra grande eu não vou não.

Fernanda: Por que?

Juninho: Porque eu não gosto, assim de cavalo. Tem que ter muito dinheiro pra se vestir a fim de participar da outra Cavalhada”(Juninho, 2004: 01).

Pergunta-se, que será apenas por motivos financeiros ou por indícios da crise da adolescência que ocorre quando os meninos não podem mais participar das Cavalhadinhas? Esta crise pode ser ocasionada se podem eles mesmos participar das Cavalhadas? E as meninas possuem estas crises, depois que não são mais virgens? O conceito de Hollingshead é que *“a adolescência é o período da vida humana no qual a sociedade deixa de ver a pessoa como criança porém lhe concede status de adulto. Salem (1986) alega que essa definição contém expresso o modo como o adolescente é socialmente concebido: ‘não estando lá nem cá, é definido pelo que não é, como se vivesse, aos olhos da comunidade, uma espécie de hiato ou de exclusão social’ (p.30)”* (SANTOS, Benedito; 1996: 159).

É uma grande transição que incorpora nestas relações de gênero na fase deste ciclo de vida dos meninos e meninas de Pirenópolis. Apesar de terem em ambos os casos um rito de iniciação, a passagem para a adolescência ocorre em Pirenópolis como uma busca na segmentação dos espaços de elaboração da identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término de uma pesquisa, foram explorados nesta dissertação a prática da festa das Cavalhadinhas na cidade de Pirenópolis. Constata-se uma nova visão de preservar o patrimônio, inserindo as crianças como uma categoria de pensamento, nesta área de manter as tradições nas manifestações culturais das Cavalhadas.

As Cavalhadinhas dinamizaram como a dos adultos, organizando um conjunto de eventos, símbolos, cores e que de uma certa forma perpetuam a construção de identidade também pelas crianças. Neste sentido, recriou-se também, com elas, a idéia da herança cultural ibérica que foi herdada pela colonização.

As Cavalhadinhas são consideradas aqui, como foi proposta, uma recriação das Cavalhadas dos adultos e não uma imitação, pois as crianças recriaram as suas tradições.

Se por um lado, as festas do Divino Espírito Santo foram uma forma de catequisar os índios e os negros, aqui se tem a idéia de preservar um patrimônio cultural brasileiro e também, a religiosidade para as crianças.

Nas Cavalhadinhas de Pirenópolis, onde os atores principais são as crianças, percebi que outros valores são significativos na educação patrimonial.

“A oportunidade deste florescimento, a cultura espontânea oferece cotidianamente e é por isso que insistimos em apontar a importância das manifestações folclóricas. No caso do folclore infantil, fica muito evidente que as crianças que vivenciam as

experiências relativas a essa fase da vida, tendem a tornar-se no futuro, adultos mais ajustados. A criança que brinca, provavelmente será um adulto feliz” (GUIMARÃES, 2002: 121).

Nas Cavalhadinhas, os brinquedos se inserem como os cavalinhos de pau que são utilizados. É importante, que a criança comece a desenvolver habilidades que contribuem para o seu aprimoramento físico, mental e emocional (GUIMARÃES, 2002).

O brinquedo, de acordo com J. Gerardo Guimarães, possui diferença entre o industrializado e o que está relacionado às práticas culturais informais. Tanto o brinquedo quanto as brincadeiras são integrados na lúdica infantil. De acordo com Edmir Perroti:

“A tradição cultural brasileira foi sempre pródiga em oferecer à infância oportunidades de vivências grupais espontâneas. A ‘cultura das ruas’ (...) foi até recentemente característica viva e atuante no mundo brasileiro. (...) Na verdade, em que pese o autoritarismo que perpassa todas as esferas da vida nacional, nossa cultura constitui uma tradição que possibilitava à infância experiências de autonomia indispensáveis à realização de suas potencialidades criativas. (...) Nos grupos informais de rua, nossa infância reelaborava a herança, filtrando e assimilando apenas aquilo que, segundo a ótica do grupo, ajustava-se aos interesses de seus membros. Em outras palavras, livremente, entre iguais, sem a presença de adultos, as crianças faziam opções, tomavam decisões, resolviam diferenças, se expressavam, criavam” (GUIMARÃES, apud. PERROTI, 2002: 126).

As Cavalhadinhas, no que diz Edmir Perroti, ajudam a constituir parte do presente em Pirenópolis, no qual as brincadeiras possibilitam a criatividade e a tomada de decisões quando acontecem na vida cotidiana, e até mesmo na festa pois foram as crianças que tomaram a decisão de ir aos adultos e fizeram com que se tornasse uma festa oficial.

A criança constitui um dos fatores principais para a preservação da tradição e este trabalho mostrou a importância das brincadeiras, deste folclore brasileiro, em relação ao patrimônio. Este é um caminho para que muitas outras festas sejam resgatadas e que não deixem de existir somente como danças ou rituais.

Por que Registrar as Cavalladinhas como Patrimônio?

As Cavalladinhas e até mesmo as Cavalladas dos adultos, não são tombadas “ainda” pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, como patrimônio. Coube aqui, nesta pesquisa, demonstrar os valores culturais que existem nas duas festas.

Neste caso, a cidade de Pirenópolis teve seu processo de patrimonialização na década de 1940 até o final dos anos 80. Dentro deste contexto, estava envolvida a festa do Divino Espírito Santo. *“Na década de 1940, aconteceu o primeiro tombamento local, o que representou a inclusão de Pirenópolis no patrimônio histórico e artístico nacional. (...) Em Pirenópolis, foi a igreja matriz que recebeu o título de monumento nacional, em 1947. Ela foi tombada certamente por ser o mais antigo templo católico do estado, construído no período aurífero e ainda em funcionamento”*(SILVA, Mônica; 2001: 135).

Seguidos deste tombamento da igreja matriz, outros monumentos passaram a ser preservados, como por exemplo, a Fazenda Babilônia e o antigo engenho São Joaquim em 1967. O centro histórico da cidade de Pirenópolis passou a ser patrimônio histórico nacional em 1988.

Somente a partir do ano de 2000, foi difundida a idéia de patrimônio imaterial. Não apenas os monumentos de ‘pedra e cal’ passaram a ser preservados, mas também outras manifestações culturais. De acordo com a UNESCO,

“é amplamente reconhecida a importância de promover e proteger a memória e as manifestações culturais representadas, em todo o mundo, por monumentos, sítios históricos e paisagens culturais. Mas não só de aspectos físicos se constitui a cultura de um povo. Há muito mais, contido nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos oral e gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. A essa porção intangível da herança cultural dos povos, dá-se o nome de patrimônio cultural imaterial”. Ainda de acordo com a UNESCO, “para muitas pessoas, especialmente as minorias étnicas e os povos indígenas, o patrimônio imaterial é uma fonte de identidade e carrega sua própria história. A filosofia, os valores e formas de pensar refletidos nas línguas, tradições orais e diversas manifestações culturais constituem o fundamento da vida comunitária. Num mundo de crescentes interações globais, a revitalização de culturas tradicionais e populares assegura a sobrevivência da diversidade de culturas dentro de cada comunidade, contribuindo para o alcance de um mundo plural” (Disponível em: [http://www.iphan.gov.br/bens - 24/maio/2004](http://www.iphan.gov.br/bens-24/maio/2004)).

No Brasil, foi instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, por meio do Decreto-lei nº 3.551, no ano de 2000. Estes bens imateriais são registrados em quatro livros de registros: dos Saberes, das Celebrações, das Formas de Expressões e dos Lugares.

A festa das Cavalhadinhas integra os festejos do Divino Espírito Santo, em Pirenópolis. Neste sentido, é necessário investigar melhor a noção de patrimônio imaterial e com as idéias do antropólogo José Reginaldo Santos Gonçalves, que pesquisa as festas do Divino entre imigrantes açorianos nos Estados Unidos e no Brasil. Deste modo,

“Podemos dizer que essas festas constituem um fato de civilização, no sentido atribuído por Mauss (1981, p. 475-93) a esse termo. Não se restringem a uma determinada área social e cultural, (...) Trata-se de um fato social total na medida em que envolvem arquitetura, culinária, música, religião, rituais, técnicas, estética, regras jurídicas, moralidade, etc. Isso suscita algumas questões relativas às concepções de patrimônio, especialmente pelo fato dessas diversas dimensões não aparecerem, do ponto de vista nativo, como categorias independentes. Aparecem simbolicamente totalizadas pelo Divino Espírito Santo. Este, por sua vez, é representado não exatamente como a terceira pessoa da Santíssima Trindade, mas como uma entidade individualizada e poderosa” (GONÇALVES, José; 2004: 463).

Em seu argumento, José Reginaldo afirma que é preciso ter cautela para classificar uma festa como patrimônio. As pessoas podem falar, por exemplo, de um patrimônio pirenopolino, em que isso está distante das concepções dos devotos e principalmente, aqui estudado na festa das crianças. Ele coloca que as diferenças estão no uso das categorias espírito e matéria. Para se entender esta noção de espírito e matéria, ele argumenta que:

“do ponto de vista dos devotos, a coroa, a bandeira, as comidas, os objetos (todo esse conjunto de bens materiais que integram a festa e são propriedade das irmandades) são, de certo modo, manifestações do próprio espírito santo. Do ponto de vista dos padres, são apenas símbolos (no sentido de que são apenas representações materiais de uma identidade e de uma memória étnica). Desse ponto de vista, as estruturas materiais que poderíamos classificar como patrimônio são primeiramente boas para identificar. As classificações dos devotos são estranhas a essa concepção de patrimônio. Do seu ponto de vista trata-se fundamentalmente de uma relação de troca com uma divindade” (GONÇALVES, José; 2004: 464).

No caso aqui estudado, é possível preservar as Cavalhadinhas e a festa do “Divininho” das crianças, *“por meio do registro e acompanhamento, lugares, objetos, festas, conhecimentos culinários, etc. (...) a ênfase está nas relações sociais, ou mesmo*

nas relações simbólicas, mas não nos objetos e nas técnicas” (GONÇALVES, José; 2004: 465).

A própria comunidade reconhece o valor cultural que representam as Cavalhadinhas, e partindo deste princípio, em 2002, os Correios do Brasil homenageou a festa das Cavalhadinhas com a emissão de uma série de quatro selos (figura 26).



Figura 26 – **Selos comemorativos das Cavalhadinhas de Pirenópolis.** Correios. 2002.

Esta foi uma forma de mostrar a magnitude desta festa em preservar a cultura brasileira, e estimular para que em outras regiões do país, novas festas voltadas para as crianças sejam realizadas, para salvaguardar o patrimônio cultural brasileiro. De acordo com um breve levantamento histórico, identifica-se em Goiás, outras festas que são realizadas pelas crianças como a Congadinha em Catalão, e os “Farricoquinhos”, na Cidade de Goiás, durante a Procissão do Fogaréu.

Pude observar que existem várias festas dentro da festa do Divino Espírito Santo, e assim, proponho que seja encaminhado ao IPHAN, um pedido de registro das Cavalhadinhas como um patrimônio imaterial. O Estado, que é o grande zelador da cultura de seu povo, deve prover meios para a preservação.

Enquanto não há um pedido oficial de registro das Cavalhadas, o advogado Sr. Pompeu Cristóvão de Pina, criou o Instituto Cultural da Cavallhada de Pirenópolis, uma organização da sociedade civil e de interesse público, com o intuito de coibir intervenções nas Cavalhadas dos adultos. Este instituto tem por finalidade

“criar, instalar, organizar eventos de cunho cultural e religioso, além de manter instituições de ensino, cultura, artesanato, infantis, meio ambiente e veículo de comunicação de todos graus. (...) Manter a Cavallhada em nível sócio-cultural sem contudo perder a identidade folclórica. (...) Manter a organização das Cavalhadas para que não sofra qualquer alteração no tempo e no espaço, outorgando os reis, os direitos advindos do passado, obedecendo a hierarquia e o respeito superior” (PINA, Pompeu; 2004: 06-07).

Foi dado o primeiro passo, e em projetos futuros é necessário incentivar a comunidade à registrar as Cavalhadas e as Cavallhadinhas, em um patrimônio intangível.

Pedir o resgistro das Cavallhadinhas, é uma forma da devolução dos resultados para a comunidade pirenopolina para que esta possa *“re-apropriar de sua memória e reafirmar sua identidade”* (PÈCLAT, 2003: 133).

O tema proposto ainda possui muitos aspectos a serem desvendados, e estas reflexões não são uma conclusão fechada. A cultura é dinâmica, que implica em uma mudança/continuidade e muitas observações ainda poderão ser feitas.

Uma pesquisa nunca acaba. Quando se pensa que foram recolhidos todos os dados empíricos, daqui há alguns meses ou anos, inúmeras mudanças poderão ocorrer, mas o principal objetivo nunca desaparecerá, a tradição das Cavallhadinhas já está e continuará viva nas almas das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira – sentidos do festejar no país que “não é sério”**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998.

ARIÈS, Phillepe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, Segunda Edição, 1981.

BANN, Stephen. **As invenções da História: ensaios sobre a representação do passado**. Tradução de Flávia Villas-Boas. São Paulo: Ed. da Unesp, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis – um estudo sobre as representações de cristãos e mouros em Goiás**. Goiânia: Ed. Oriente, 1981.

_____. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

CANCLINI, Nestor Garcia. “Culturas Híbridas, Poderes Oblíquos”. In: **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2000, p. 283-350.

DEUS, Maria Socorro de; SILVA, Mônica Martins da. **História das Festas e Religiosidades em Goiás**. Goiânia: AGEPEL/ UEG, 2002.

FERNANDES, Francisco (org.). **Dicionário Brasileiro Globo**. São Paulo: Ed. Globo, 1999.

FONSECA, Maria Cecília Londres Fonseca. **Da modernização à participação: a política federal de preservação nos anos 70 e 80.** In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. IPHAN.

FRAGA, Leila Miguel. **O Divino Espírito Santo na Cidade de Goiás – uma festa do patrimônio e da memória.** Dissertação de Mestrado Profissionalizante em Gestão do Patrimônio Cultural, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Goiás. Goiânia: 2002.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Ed. LTC.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O Espírito e a Matéria: o patrimônio como categoria de pensamento.** In: Habitus: Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás. V.1, nº 1, (2003). Goiânia: Ed. Da UCG, 2003.

GUIMARÃES, J. Gerardo M. **Repensando o folclore.** Barueri – SP: Ed. Manole, 2002.

HATZFELD, Henri. **As raízes da religião: tradição – ritual – valores.** Tradução de Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: RANGER, Terence (org). **A Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS HISTÓRICOS DO BRASIL CENTRAL – UCG, Goiânia. **Diário de Ana Joaquina,** moradora da Cidade de Goiás. 1880 a 1914.

JAYME, Jarbas. Programa de apresentação das Cavalhadas de Pirenópolis, publicado por Piretur.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **Hetohoky um rito Karajá**. Goiânia: Ed. da UCG, 1994.

LONDRES, Cecília. 2000. **Registro do Patrimônio Imaterial**. In: Dossiê Final da Comissão e do grupo de trabalho Patrimônio Imaterial.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. “A Tradição Cav alheiresca em Pirenópolis”. In: CHAUL, Nasr Fayad e RIBEIRO, Paulo (org). **Goiás: identidade, paisagem e tradição**. Goiânia: Ed. UCG, 2001.

MOTTA, Cirley. **Cavahadinha**. In: CARVALHO, Adelmo de (org.). Pirenópolis coletânea 1727-2000 – História, Turismo e Curiosidades. Pirenópolis: Governo de Goiás.

PÉCLAT, Gláucia Tahis da Silva Campos. **O Empadão Goiano: Expressão de valores e práticas tradicionais**. Dissertação de mestrado Profissionalizante em Gestão do Patrimônio Cultural, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Goiás. Goiânia: 2003.

PINA, Maria Eunice Pereira e. **Devaneios de uma pirenopolina**. Goiânia: Editora Kelps, 1993.

PORTO, Liliana de Mendonça. **A Reapropriação da tradição a partir do presente: Um estudo sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Chapada do Norte/ MG**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 1997.

RODRIGUES, Marly. **Patrimônio, idéia que nem sempre é prática**. In: A construção da cidade. Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal. Brasília, 1998.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **A emergência da concepção moderna de infância e adolescência – mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 1996.

SANTOS, Mariza Velozo Motta. **Nasce a Academia SPHAN**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. IPHAN/ Ministério da Cultura/ Brasil em Ação, nº 24, 1996.

SHELLING, Vivian. **A Presença do Povo na Cultura Brasileira – Ensaio sobre o pensamento de Mário de Andrade e Paulo Freire**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

SILVA, Mônica Martins da. **A Festa do Divino – Romanização, Patrimônio & Tradição em Pirenópolis (1890 – 1988)**. Goiânia: Editora Agepel, 2001.

TINHORÃO, José Ramos. **As Festas no Brasil Colonial**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

VALDEZ, Diane. **História da Infância em Goiás – séculos XVIII e XIX**. Goiânia: Ed. Alternativa, 2003.

VOLPATO, Gildo. **Jogo e brinquedo: reflexões a partir da teoria crítica**. In: Educ. Soc. [online]. Dez. 2002, vol.23, nº 81.

Relatos Orais – Entrevistas

Itamar Gonçalves – Secretário de Cultura da Prefeitura da cidade de Pirenópolis, 01/ março/ 2004 – Pirenópolis.

João Luiz Pompeu de Pina, 01/ abril/ 2004 – Pirenópolis.

Juninho (criança que participou da festa das Cavalhadinhas mirim da 2ª geração), 01/ março/ 2004 – Pirenópolis.

Pompeu Cristóvão de Pina, 01/ março/ 2004 – Pirenópolis.

Suelene Aquino Gonçalves, 20/ abril/ 2004 – Pirenópolis.

Sequinho, 01/ março/ 2004 – Pirenópolis.

Fontes e Documentos

Acervo particular de fotografias: João Luiz Pompeu de Pina.

Filmes e Vídeos

Programa Expedições - Cavalhadas de Pirenópolis. Paula Saldanha. Rio de Janeiro: RW Vídeo distribuidora, 2003. 1 Videocassete (30 min.): VHS, NTSC, son., color.

Cavalhadinhas de Pirenópolis. Nilson Jacy da Luz. Pirenópolis: Distribuição local, 2002. 1 Videocassete (90 min.): VHS, PAL-M, son., color.

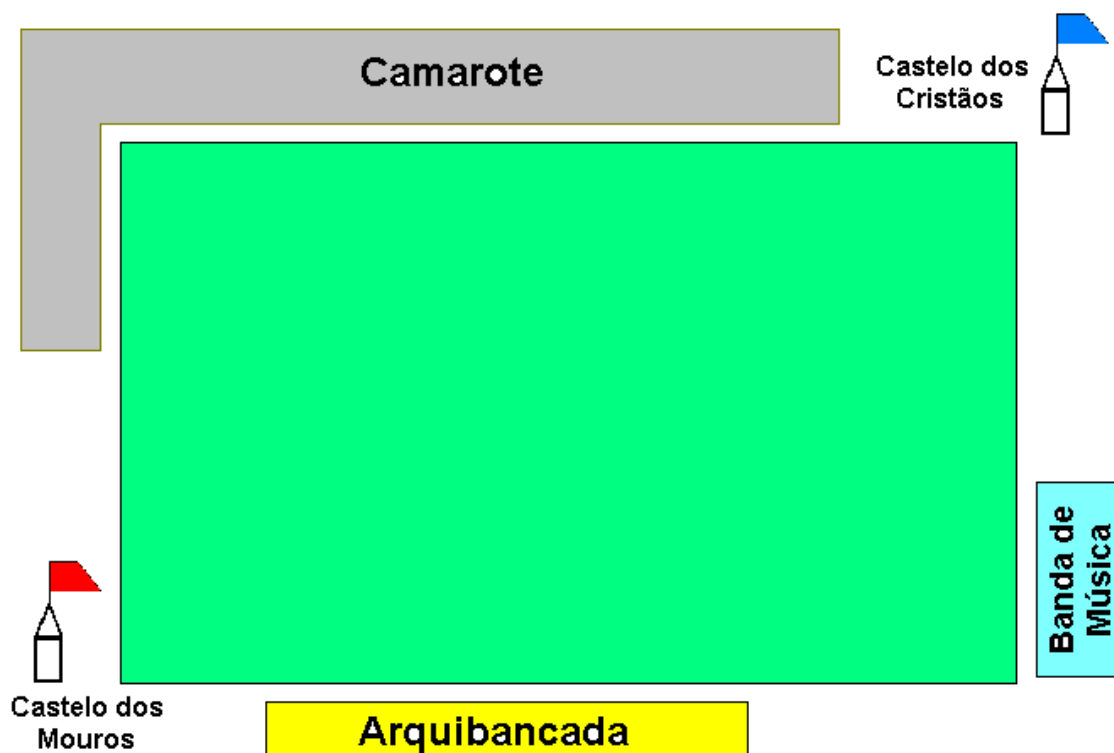
Sites Pesquisados

<http://www.iphan.gov.br/bens>

<http://www.atur.com.br/secoes/pirenopolis/ondeir/home01.asp?IDEstabelecimento=127>

<http://www.portaldodivino.hpgplus.com.br/Cavanhada/cavanhada.htm>

ANEXO



Planta baixa do campinho da Vila Matutina

Posicionamento de arquibancada, camarotes, banda de música e castelos dos mouros e cristãos no campinho da Vila Matutina. Planta baixa/ sem escala. Desenho: Ângela Adamski da Silva Reis. Goiânia, 2004.